



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

ARTHUR TOMAZ DA SILVA

**UM LESIVO BAILE DE MÁSCARAS:
QUANDO O ÓDIO SE VESTE COMO RISO EM PIADAS SOBRE HOMOSSEXUAIS**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ARTHUR TOMAZ DA SILVA

**UM LESIVO BAILE DE MÁSCARAS:
QUANDO O ÓDIO SE VESTE COMO RISO EM PIADAS SOBRE HOMOSSEXUAIS**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Análise do Discurso (Linguística), sob a orientação da Professora Doutora Alfredina Rosa Oliveira do Vale.

CAMPINA GRANDE - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586u Silva, Arthur Tomaz da
Um lesivo baile de máscaras [manuscrito] : quando o ódio se veste como riso em piadas sobre homossexuais / Arthur Tomaz da Silva. - 2014.
60 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Porfa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale,
Departamento de Letras".

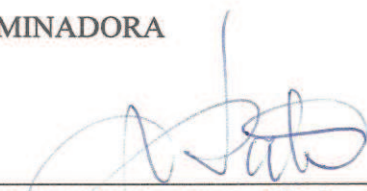
1. Homofobia 2. Análise do Discurso 3. Discurso
Homofóbico 4. Humor - Piada I. Título.

21. ed. CDD 401.41

UM LESIVO BAILE DE MÁSCARAS:
QUANDO O ÓDIO SE VESTE COMO RISO EM PIADAS SOBRE HOMOSSEXUAIS

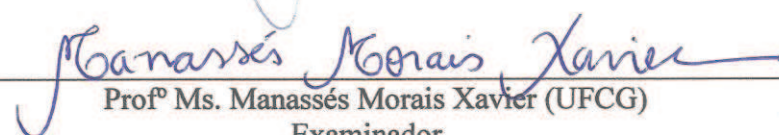
ARTHUR TOMAZ DA SILVA

BANCA EXAMINADORA



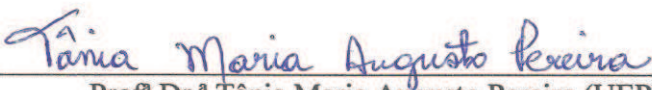
Prof.ª Dr.ª Alfredina Rosa Oliveira do Vale (UEPB)
Orientador

Nota 10,0



Prof.º Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)
Examinador

Nota 10,0



Prof.ª Dr.ª Tânia Maria Augusto Pereira (UEPB)
Examinador

Nota 10,0

Trabalho aprovado em: 20 de novembro de 2014

Média 10,0
dez

CAMPINA GRANDE – PB

2014

Às bichas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à pessoa mais importante para minha formação em todos os aspectos. Elenita, seu incentivo à educação e esforço para garantir que eu colocasse sempre os estudos em primeiro lugar foram sementes plantadas no meu caráter. Essas sementes germinaram e essa monografia é apenas um dos vários frutos gerados por elas. Agradeço pela educação que me deu pelo exemplo. Agradeço pela sua força, coragem, determinação, trabalho e otimismo, que me inspiraram naquilo que eu quero ser no futuro. Esta é a melhor herança que eu poderia receber.

À minha família, que foi sempre presente e importante na construção de minha visão de mundo. Dona Regina, juntamente com as minhas tias, a prova de que eu tenho não somente uma, mas várias mães que estão sempre prontas para me acolher ou me ensinar uma nova lição. Minhas primas e meus primos, em especial Mandy, Raiza, Karina e Kamila, me mostraram que não sou filho único. Vocês são como irmãos para mim: as horas e cumplicidade, de diversão, de confissões e para os momentos não tão bons, porém necessários.

Existe uma parte da família que escolhemos (ou será que nós é quem somos os escolhidos?). Estes parentes são chamados amigos. Assim como na família biológica, temos amigos mais próximos e outros mais distantes. Agradeço desde aqueles que foram importantes para meu convívio infantil, mas que pelos desencontros necessários da vida não estão mais próximos; passando pelos amigos que fiz na minha formação escolar e na adolescência, momento em que reconheci quem sou e meu lugar no mundo. Cito, especialmente, Amanda, Katyane e Carla, por me fazerem sentir saudade dos meus tempos de escola.

Um lugar especial é dado àqueles amigos que são indispensáveis para a minha vida atualmente. Agradeço por me aguentarem e por quererem estar ao meu lado. Saibam que o convívio com vocês ajuda na minha identificação de quem sou e para onde vou. Amigos que me compreendem e me inspiram a ter discussões como a que está presente neste trabalho. Amigos do coração de perto, como Rafaela, Rodolfo e Renato, ou de longe, como Mariana, contribuíram significativamente para minha escolha em pesquisar este tema.

Ao longo da vida, conhecemos pessoas tão importantes e especiais, a quem nossa família confia cuidar de nós, desde nossos primeiros anos de vida. Cada uma dessas pessoas recebe o nome de Professor. Começo agradecendo a Andréia, ou Tia Andréia, que me ensinou

a juntar as letrinhas para formar sílabas, palavras e frases. Obrigado por me ensinar a ler e a escrever. Aquele foi o começo, a base que sustentou minha caminhada até agora. Usando o nome de Tia Andréia, agradeço a todos os professores que me ensinaram valores e me ajudaram a construir um conhecimento formal nos primeiros anos de minha formação escolar.

Agradeço também a todos os professores que, durante minha educação formal, me fizeram ter uma paixão por uma certa disciplina que pouca gente se interessava. Obrigado aos professores de Língua Inglesa. Se hoje sou professor de inglês e posso dizer que falo um segundo idioma, vocês são parte fundante desta construção. Agradeço, de forma especial, à Professora Viviane, que mesmo não sendo minha professora de inglês, sempre esclareceu minhas dúvidas e me incentivou a tentar cursar Letras na UEPB. É impossível esquecer sua paixão pela profissão, que é evidente em suas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

Não poderia deixar de dar um obrigado todo especial a todos os professores com os quais tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos na UEPB. Sou, com certeza, uma nova pessoa depois desses quatro anos e meio em que estive em contato com vocês. Pude crescer enquanto pessoa e profissional ao longo desse período. Marília, obrigado por me ajudar com os primeiros passos do projeto de pesquisa que resultou nesta Monografia. Outro agradecimento especial vai para você, Alfredina, que me orientou sempre de forma prestativa na realização desta pesquisa. Obrigado por me fazer querer dar o melhor de mim. Agradeço também aos professores Manassés e Tânia, por estarem dispostos a melhorar a construção deste trabalho.

Agradeço também a todos os colegas de classe, em especial àqueles que se tornaram meus amigos, não é mesmo, Felipe e David? Aprendi muito com o convívio com vocês. Obrigado pelo companheirismo. Outras pessoas que estiveram presentes todos os dias ao longo desses anos foram meus colegas de viagem. Embora seja um trajeto um tanto quanto cansativo, alguns de vocês ajudaram a deixar a viagem mais leve. Meus agradecimentos especiais agora vão para vocês, Yngrid, Monique e Gabriela.

Last but not least: Emmanuel. Quantas dúvidas com relação à metodologia ou teoria você me tirou? Foram tantas que acho impossível enumerar. Agradeço por você estar sempre tão disposto a ajudar. Com relação a essa pesquisa, você me inspirou dedicação. Obrigado por ser meu coorientador, ainda que de forma não oficial. Meu agradecimento a você não é só por isso. Obrigado por estar presente em minha vida de forma tão bonita e especial. Obrigado por me fazer acreditar que as coisas são possíveis e que não estou nessa sozinho.

RESUMO

Em meio aos vários conflitos ideológicos presentes na sociedade, um deles se destaca por se tratar de um tema observável em várias esferas sociais, seja no âmbito religioso, escolar, familiar ou corporativo. Discussões sobre homossexualidade e, conseqüentemente, sobre a homofobia, em sua grande maioria, estão cercadas de ignorância, o que promove uma visão não adequada com relação a homossexuais. O objetivo dessa pesquisa é investigar como o discurso homofóbico é disseminado na sociedade, através do humor, no gênero piada sobre homossexuais. Com o trabalho, visamos também atenuar, através da conscientização da problemática, o preconceito disseminado por tais piadas. Utilizamos piadas sobre homossexuais acessadas na internet como material linguístico que nos leva aos discursos nele presentes, onde podemos encontrar as ideologias que sustentam os discursos homofóbicos, bem como seu percurso através da história, que nos permite entender como o sentido é formulado. Baseamos nossa discussão nos estudos de Eni P. Orlandi (2013) para tratar de definições acerca da Análise do Discurso; Sírio Possenti (1998) para a compreensão das características do gênero piada; e Sam Killermann (2013) para as questões de gênero e sexualidade. A pesquisa demonstrou que os sujeitos podem compartilhar a homofobia presente nas piadas de forma inconsciente, quando não há conhecimento do discurso que elas carregam. Quando a disseminação acontece de forma consciente, os sujeitos encontram espaço para materializar na língua um discurso de ódio, porque a piada é um gênero aparentemente neutro, onde discursos como este podem circular livremente na sociedade. Dentre os resultados desse fenômeno – a homofobia – estão as formas mais leves de preconceito até os casos mais severos, quais sejam: homossexuais são agredidos fisicamente ou até mesmo mortos.

Palavras-chave: Homofobia. Humor. Piadas.

ABSTRACT

Among many ideological conflicts in society, one of them is highlighted by concerning to an observable theme in a range of social contexts, such as religious, educational, familiar and corporative environments. Deliberations about homosexuality, and consequently about homophobia, in most, are surrounded by nescience, which promotes a not suitable view of homosexuals. The aim of this research is to investigate how the homophobic discourse is widespread in society through jokes about homosexuals. With this work, we also aim to reduce, by awareness, the prejudice that these jokes spread. We used jokes about homosexuals accessed on the internet as our linguistic material that will lead us to discourses, where we can find the ideologies that homophobic discourses lean on, as well as their route athwart history that allows us to understand how the meaning is formulated. We based our discussion in the studies of Eni P. Orlandi (2013) to cross definitions concerning to Discourse Analysis; Sirio Possenti (1998) to comprehend characteristics about jokes as a discursive genre; and Sam Killermann (2013) to discuss gender and other sexuality issues. The reach demonstrated that subjects might share the homophobia inside the jokes unconsciously when they do not know the discourse these jokes carry. When this widespread happens consciously, subjects find a way to materialize in language a hateful discourse because this genre is apparently neutral, discourses like this could be present in society. Among the results of this phenomenon are the lighter forms of prejudice and more severe cases in which homosexuals are physically assaulted or even killed.

Keywords: Homophobia. Humor. Jokes.

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1: A bicha religiosa	13
Exemplo 2: O primeiro sutiã	20
Exemplo 3: Frutos do mar	21
Exemplo 4: O toque	23
Exemplo 5: Filho do casal gay	24
Exemplo 6: Filho de peixe... ..	26
Exemplo 7: Homossexual não	28
Exemplo 8: Gaiolinha	29
Exemplo 9: A cura	30
Exemplo 10: Eu sou bicha?	37
Exemplo 11: Vou morrer	41
Exemplo 12: O santo professor	42
Exemplo 13: A bicha arrependida	44
Exemplo 14: Policial bicha	48
Exemplo 15: A bicha do elevador	50
Exemplo 16: Bicha gaga	52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: <i>iPhone</i> branco	34
Ilustração 2: Primavera	35
Ilustração 3: <i>Mortal Kombat</i>	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ELEMENTO QUE POSSIBILITA DISFARCES:	
o discurso	12
2.1 Interdiscurso	13
2.2 Memória	15
2.3 Ideologia	16
2.4 Assujeitamento	18
3. CONFECÇÃO DO DISFARCE:	
quando o humor promove mais que o riso	20
3.1 Piadas e preconceitos	26
4. REVELAÇÃO DA REAL FACE:	
o preconceito escondido atrás de uma máscara	32
4.1 Homossexualidade	40
4.2 Trajetória das mudanças da visão do homossexual	41
4.3 Homofobia	46
4.4 Preconceitos no meio homossexual	51
5. FIM DO BAILE:	
últimas palavras	54
6. REFERÊNCIAS	56
7. ANEXO	59

1. INTRODUÇÃO

Em um estudo que considera a língua enquanto fato social e coloca o contexto da enunciação como parte constituinte da linguagem, a Análise do Discurso (doravante denominada AD) traz para o estudo da linguagem noções como as de história e de ideologia. É a partir desses dois fundamentos que o discurso é formado: do primeiro porque o percurso que a língua faz através da história nos mostra como os discursos significam, mostrando também quais outros discursos são retomados a partir da interdiscursividade; e do segundo porque não há discurso sem ideologias que o sustentem, sendo também o fator desencadeante de conflitos causados por olhares diferentes sobre um mesmo objeto.

Nesta pesquisa, dedicamo-nos a investigar como a homofobia é disseminada, disfarçadamente, a partir do humor, mais especificamente através do gênero piada que vitima homossexuais. Dessa forma, este trabalho está centrado na averiguação de como o discurso homofóbico está camuflado no discurso humorístico.

Partimos da hipótese de que a homofobia é disseminada através do gênero piada que vitima homossexuais porque este é um gênero, pelo menos para o senso comum, aparentemente neutro, onde o preconceito pode passar despercebido, uma vez que nem todos os sujeitos têm consciência da disseminação do preconceito no ato de repetição das piadas sobre homossexuais. Dessa forma, objetivamos investigar a presença do discurso homofóbico no humor através do gênero piada, e atenuar, através da conscientização da problemática, o preconceito disseminado por piadas sobre homossexuais. Nosso *corpus*, piadas e ilustrações que vitimam homossexuais, foi coletado em *sites* de humor entre os meses de abril e outubro de 2014.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, explicativa e bibliográfica, pois sua análise não envolve descrição numérica, presta-se a explicar a natureza da ocorrência do discurso homofóbico no discurso humorístico e suas fontes bibliográficas são advindas da literatura já produzida nas áreas de interesse desta investigação, como a AD, o gênero discursivo piada, e sexualidade e gênero (perspectiva antropológica), publicados em livros e artigos científicos.

Dentre os principais autores utilizados para o aporte teórico, estão Eni P. Orlandi (2013) e Helena Brandão (2004) quando buscamos definições acerca da teoria da AD, tais como noções de discurso, de interdiscursividade e ideologia; baseamo-nos também em

trabalhos de Sírío Possenti (1998) para discorrer sobre o gênero piada e entender como os mecanismos desse gênero funcionam para provocar o riso no leitor/ouvinte; partimos dos estudos de Sam Killermann (2013) para tratar das distinções entre identidade e expressão de gênero, bem como sobre sexo biológico e orientação sexual, e encontramos nos estudos de Iran F. de Melo (2013), subsídios para elaborar um breve percurso histórico sobre como o homossexual vem sendo visto no Brasil.

A investigação foi feita através de análises de piadas disponíveis na internet, que serviram como material linguístico, que nos permitiu chegar aos discursos presentes nos enunciados. A partir da aproximação com os discursos, pudemos, então, identificar as ideologias que os sustentam, o que nos possibilitou compreender melhor como os conflitos ideológicos estão materializados através do discurso nos enunciados. Observamos os percursos percorridos pelo discurso homofóbico presente nas piadas analisadas. Dessa forma, foi possível compreender como as piadas carregam tais discursos.

Nossa monografia está organizada em três capítulos: (1) “Elemento que possibilita disfarces: o discurso”, que discute os principais elementos formadores da AD; (2) “Confecção do disfarce: quando o humor promove mais que o riso”, que contempla os principais mecanismos presentes nas piadas; e (3) “Revelação da real face: o preconceito escondido atrás de uma máscara”, onde há breves discussões sobre definições acerca de gênero e sexualidade, bem como um breve histórico da forma como a homossexualidade é vista na sociedade.

Um dos conflitos ideológicos presentes na sociedade é aquele que gera preconceito de gêneros e, mais especificamente, a homofobia, que dá espaço à construção do discurso homofóbico. Esta pesquisa é importante no que diz respeito à conscientização sobre a propagação desse discurso através de piadas com a finalidade de atenuar a disseminação desse fenômeno.

2. ELEMENTO QUE POSSIBILITA DISFARCES: o discurso

Podemos dizer que a AD, como afirma Orlandi (2013), nos dá a ideia de curso, de percurso, ou seja, um caminho percorrido pela linguagem, que sofre influência e ao mesmo tempo influencia a história e a sociedade. É este caminho que devemos seguir para compreender o sentido em nosso discurso e como esse sentido é produzido. Uma vez que a linguagem e, conseqüentemente, o discurso, chegam a nós já carregados de sentidos, devemos identificar esse caminho através da história em determinado contexto social para saber qual sentido está lá e porque ele está lá. Devemos seguir esse percurso porque a linguagem não é transparente, segundo Orlandi (2013), ou seja, encontraremos o sentido em sua opacidade no que se diz, temos que identificar como tal discurso se formou para entender o que foi dito e ainda as possibilidades do que se poderia dizer e não foi dito para então termos uma maior aproximação do real sentido daquilo que é superficial, ou seja, daquilo que se mostra nas palavras que circulam em uma sociedade.

Como afirma Maingueneau (1997), a escola francesa de análise do discurso deriva da tradição europeia de fazer reflexão do texto considerando sua história. A AD, segundo o autor, é instrumento de estudo não só de linguistas, mas também de historiadores e psicólogos, isso porque é um campo interdisciplinar, que associa linguística, marxismo e psicanálise.

Segundo Brandão (2004), a AD se apoia em dois conceitos norteadores, que são ideologia (com os conceitos de Althusser) e discurso (com estudos os de Foucault). Assim, este campo do saber não vai estudar a língua fechada nela mesma, mas enquanto formação ideológica, em que se considera seu contexto sócio-histórico. A AD coloca o locutor das teorias da enunciação, aqui tratado como sujeito, no centro das reflexões de seus estudos. Trata agora a relação do sujeito com seus enunciados e o mundo.

Para Foucault (1969), o discurso é o resultado da coleção de diferentes enunciados com uma certa familiaridade entre si, formulados por um sujeito que pode assumir posições distintas, causando essa variedade de enunciados na formação do discurso. Ele trata o discurso como uma dispersão, ou seja, o discurso não é formulado a partir de uma unidade, mas por uma variedade de enunciados que se relacionam em sua formação através de pontos em comum.

2.1 Interdiscurso

O discurso que materializamos por meio da linguagem é formado através de outros discursos. Tal fenômeno é conhecido como interdiscursividade, ou seja, é a presença e influência do discurso do “outro” no “meu” discurso. Flores e Teixeira (2009) atribuem este fenômeno ao que Bakhtin trata como como dialogismo, que é justamente o discurso constituído a partir de outros discursos. O interdiscurso, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), pode ser tanto (a) a relação entre discursos relacionados entre si de acordo com sua relação de sentidos, quanto, em sentido mais amplo, (b) “o conjunto das unidades discursivas [...] com os quais um *discurso particular* entra em relação implícita ou explícita” (p. 286). Podemos ver esta relação no exemplo a seguir.

Exemplo 1: A bicha religiosa¹

A bichinha, recém-convertida, está voltando da Igreja Universal do Reino do Edir Macedo, quando passa um carro com cinco marmanjos, que gritam:

– Veado! Bicha! Queima rosca!

Logo depois disso o motorista perde o controle, o carro derrapa, capota e explode. A bicha assiste tudo de camarote.

Então ela coloca a bíblia no chão, ergue as mãos pro céu e grita:

– Jesus! Você ar-ra-soooooou!

Acessado em 06.10.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/a-bicha-religiosa/>

Neste Exemplo (1), a piada trata de um tema polêmico, por relacionar homossexualidade com religião. Em seu enunciado, faz uma referência explícita ao pastor

¹ Os exemplos foram reproduzidos *ipsis litteris*, preservando não somente a escrita (ortografia, regência, concordância nominal e verbal etc.) como a fonte (o tipo de letra) usada nos sites que foram fontes da nossa coleta de dados.

Edir Macedo, que causou polêmica ao fazer um ritual de exorcismo² em um jovem homossexual com objetivo de realizar uma cura gay.

Na piada, o termo “recém-convertida” pode evocar a ideia de que a “bichinha” passou pelo mesmo ritual que o pastor realizou no jovem Leandro. Dessa forma, quando lemos/ouvimos tal piada, podemos resgatar, através da nossa memória e conhecimento de mundo, o discurso proferido pelo pastor e, conseqüentemente, a ideologia que sustenta tal discurso passa a fazer sentido na enunciação da piada. Esta é a forma que o interdiscurso pode trazer um discurso particular à tona.

De acordo com Flores e Teixeira (2009), os estudos de Bakhtin apontam para o estabelecimento do dialogismo como parte fundamental para a constituição do discurso. Di Fanti (2009, *apud* FLORES e TEIXEIRA, 2009), um estudioso das teorias da enunciação, define dialogismo como um “princípio da linguagem que pressupõe que todo discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido” (2009, p. 80). Charaudeau e Maingueneau (2008) definem o dialogismo (com base no Círculo de Bakhtin) como sendo a relação que os enunciados estabelecem com os enunciados já produzidos e também com aqueles que ainda o serão.

Segundo Pires (2003), as pesquisas de Bakhtin levam a um estudo da língua considerando a interação dialógica entre sujeitos e a constituição deste dialogismo na linguagem. Para o autor, a linguagem é uma prática social. Por isso, a condição de interação para se fazer existir.

Podemos observar o dialogismo, proposto por Bakhtin, ilustrado na constituição do *eu* pelo *outro*, tanto para a constituição dos sentidos quanto para o reconhecimento de *si*, que acontece, de acordo com Flores e Teixeira (2009), a partir do reconhecimento do *outro*. São esses os pensamentos que tornam a presença do *outro* uma peça fundamental para a constituição do discurso através da presença de outros discursos nessa composição.

As teorias de Bakhtin tratam a polifonia (que é uma maneira mais específica de estudar o dialogismo, uma vez que observa a presença de outras vozes na enunciação) como parte constituinte do sujeito, tornando-o um sujeito polifônico. Isso implica dizer que não somos produtores dos discursos, porém fazemos o papel de intermediários nesse processo dialógico, trazendo à tona, através da memória, em meio aos conflitos ideológicos provocados por essa interação, outras vozes que significam em nossa voz no momento da enunciação.

² “Com chicote na mão, Edir Macedo 'cura' gay e culpa demônios por 'homossexualismo’”. Disponível em <http://www.bahianoticias.com.br/noticia/109189-com-chicote-na-mao-edir-macedo-039-cura-039-gay-e-culpa-demonios-por-039-homossexualismo-039.html>. Acessado em 06.10.2014.

2.2 Memória

Tanto Brandão (2004) quanto Orlandi (2013) falam sobre o papel da memória, ou memória discursiva, na formação da interdiscursividade. Segundo Orlandi (2013), é necessário que um discurso já faça sentido antes que nos apropriemos dele e façamos dele o “nosso” discurso, ou seja, as palavras já fazem sentido em algum outro lugar antes que façamos uso delas para que estas façam sentido em nossas palavras. Isso é possível através da memória, que em determinado momento vai apagar a situação da enunciação e o sujeito que enunciou determinadas palavras, que passarão por um anonimato, antes de nos apropriarmos, dando assim a falsa impressão que fomos nós quem dotamos aquelas palavras de sentido e que elas são “nossas”.

Brandão (2004) divide a memória discursiva em dois tipos: a memória plena, que possibilita a retomada e reutilização de elementos que formam nosso discurso, ou seja, é a apropriação, de forma consciente do discurso do outro; e a memória lacunar, que é o oposto da primeira, já que funciona através de deslocamentos e apagamentos, o que faz com que utilizemos discursos já formulados e carregados de sentido sem que tenhamos consciência desse processo, ou seja, (re)produzimos sentidos sem sabermos como o fazemos.

De acordo com essa concepção, nada do que dizemos parte de nós, ou seja, não produzimos sentidos originais. Segundo Orlandi (2013), “não há discurso que não se relacione com outro” (p. 39). Seja para retomar conscientemente ou passar pelo processo natural do esquecimento ou apagamento (e mobilizar sentidos de forma inconsciente), sempre partimos de discursos e sentidos preexistentes, ou seja, estamos participando dessa relação de interdiscurso, ora sofrendo influência dos discursos que retomamos, ora influenciando discursos daqueles que tomarão nossas palavras.

Outro fator determinante no momento da enunciação, ou seja, quando materializamos nosso discurso na língua, é a presença das formações discursivas. Orlandi (2013) define formação discursiva como aquilo que vai determinar o que pode ou deve ser dito a partir de determinada posição de sujeito e em determinado contexto sócio-histórico. Ou seja, o contexto vai determinar o que enunciamos, uma vez que as circunstâncias nem sempre permitem que os discursos sejam materializados de qualquer forma e a qualquer momento.

Para exemplificar, podemos imaginar uma situação na qual um adolescente, homossexual não-declarado³, estivesse numa reunião em família, onde estariam presentes desde parentes mais próximos até os mais distantes. Nessa posição de sujeito (filho, adolescente e homossexual não-declarado) e nesse contexto (reunião em família), este sujeito, provavelmente, não poderia proferir enunciados os quais revelassem a seus pais e parentes a sua condição sexual. Numa outra situação, dessa vez uma reunião entre amigos, estes também homossexuais e que certamente teriam conhecimento de sua sexualidade, este sujeito (amigo, adolescente e homossexual declarado) poderia enunciar de forma livre, ou seja, sem estar preocupado em revelar sua verdadeira identidade homossexual. Essas situações ilustram bem como as formações discursivas determinam o que podemos ou não falar e também como devemos nos posicionar e nos comportar.

A diferença de discursos em torno de um mesmo tema mostra que cada formação discursiva tem o seu lugar, sua realização, a partir das condições de produção específicas (reunião familiar/reunião com amigos). O mesmo sujeito homossexual ocupa diferentes posições sociais que se opõem, se contestam, diante de um tema conflitante (homossexualidade), objeto de tensões.

2.3 Ideologia

As formações discursivas são sustentadas por ideologias. Segundo Chauí (1980), a ideologia é a inversão da realidade, ou seja, é o modo de ser social de ponta cabeça. Isso quer dizer que os sujeitos e, por conseguinte, a sociedade são guiados ideologicamente, são levados a pensar o mundo de acordo com o que eles acham que a realidade deveria ser, ou seja, é inverter os papéis do real e do ideal. Essa noção explica que os sujeitos agirão conforme o que idealizam, isto é, conforme a visão que têm do que deve ser o mundo.

Para Orlandi (2013), a ideologia coloca o homem numa relação imaginária com suas condições materiais. Isto quer dizer que o homem traz para a realidade a ideologia que está ligada a seu imaginário, ou seja, a ideologia – a inversão da realidade para Chauí (*ibidem*) –

³ Não utilizamos aqui o termo “assumido”, como é normalmente utilizado pelo senso comum, porque, concordando com o candidato à vaga de deputado estadual de São Paulo em 2014, Todd Tomorrow, assumir está diretamente relacionado à culpa, ao crime. Quem assume reconhece um erro, então, como não faz sentido assumir uma coisa que não é errada, uma coisa da qual ninguém deve se sentir ou permitir que lhe façam culpado, optamos pela utilização do termo “declarado”, pois, nas palavras do candidato, “Declarar-se é vir à luz e deixar as sombras dos armários”. Declarar tem a ver com aceitação, com afirmação.

norteia as ações reais do sujeito. É através da sua formação discursiva que o sujeito vai atribuir juízo de valor ao contexto no qual está inserido. Assim, um indivíduo pode se posicionar contra ou a favor da união estável entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, de acordo com sua ideologia e o juízo de valor que faz a partir dela acerca do tema em questão.

Segundo Althusser (1970) existe uma classe dominante que se utiliza de aparelhos de perpetuação da ideologia sobre uma classe dominada com objetivos de poderes políticos. Isto significa que as ideologias são disseminadas com maior poder por uma pequena classe que utiliza artifícios para fazer a massa, ou uma classe dominada, tomar aquela visão de como deve ser a sociedade para si e por isso, agir conforme essa busca pelo alcance do que deve ser real.

Ainda para Althusser (*ib idem*), o funcionamento da ideologia resulta em práticas sociais, uma vez que a ideologia trabalha na constituição de sujeitos, que tomam a ideologia de certas formações discursivas para nortear suas ações. Ou seja, a ideologia passa a regular as práticas sociais daquelas que a ela se filiam. Dessa forma, podemos dizer que a inversão da realidade causada pela ideologia acaba por promover a busca por essa idealização através das ações resultantes de tal inversão. Assim, se um sujeito, devido à sua ideologia, justifica a união estável entre pessoas do mesmo sexo (retomando o exemplo citado anteriormente), ele irá reconhecer que a união ainda não é um ato que já acontece de fato, ou seja, ainda não é uma realidade, buscando assim, alcançar tal realidade. Dessa forma, seus enunciados e ações estarão apontando para a aproximação da tal união como fato real. É como um objetivo a ser alcançado. Por outro lado, os sujeitos contrários a essa ideia, e naturalmente com outra ideologia, farão sua busca no sentido contrário, visando a manutenção da visão tradicional de família.

Para Ricoeur (1977, *apud* BRANDÃO, 2004) a ideologia surge a partir da necessidade de constituição de um grupo social determinado. É ela que vai orientar determinado grupo como agir para a formulação da imagem que estes sujeitos buscam ter de si mesmos. Em outras palavras, a ideologia norteia ações de indivíduos que buscam interação social e inserção em grupos através de suas imagens. Dessa forma, os sujeitos vão moldar suas ações à luz do que preconizam as bases das ideologias as quais estão filiados.

De acordo com Brandão (2004), o discurso é um dos lugares de materialização da ideologia, ou seja, é no discurso que podemos identificar a ideologia dos sujeitos. É essa ideologia que nos permite entender porque um sujeito materializa determinados enunciados em detrimento de outros. Permite-nos compreender também o porquê de não dizer tais enunciados ou se comportar de tal maneira e não de outra. Isso ocorre porque a ideologia, no

dizer de Brandão, determina o que pode ou não ser dito em determinada situação. Isso é o que a autora chama de assujeitamento como sujeito ideológico. Isso porque ele tem a impressão de que é o dono de suas palavras e atos, porém está, na verdade, sob influência de uma ideologia que vai determinar (sem que se tenha consciência) o que ele pode ou deve dizer e como o fazer.

2.4 Assujeitamento

Segundo Ferreira (2005), para os estudos da Escola de Análise de Discurso Francesa, o sujeito é influenciado pela linguagem, ideologia e psicanálise. Porém, não é de forma completa. Em cada uma dessas partes constituintes há um “furo”, uma falta, que é justamente o que permite que haja espaço para que o sentido possa transbordar para que aconteçam os deslizamentos de sentido.

É como se em cada uma dessas partes ocorresse um fenômeno que produzisse um lugar de busca na constituição do sujeito. O “furo” na linguagem provocará a busca pelo fechamento deste, devido ao equívoco que ele produz. No campo da ideologia, essa falta provoca o equívoco e na Psicanálise, ela provoca o inconsciente.

De acordo com os estudos de Pêcheux (1983), a influência da Psicanálise para a constituição da AD traz a noção de um sujeito que não é totalmente dono de si, agora ele é assujeitado, seja ao inconsciente ou às circunstâncias histórico-sociais nas quais está inserido. No campo da linguagem, esse assujeitamento coloca o sujeito numa posição de efeito de sentido, não de lugar de produção de sentido. Dessa forma, o sujeito não participa das construções de sentido, ele é afetado por ela, sendo assim, o produto desse sentido.

Segundo Orlandi (2007), o fato do sujeito se adaptar à linguagem já existente para que possa se comunicar fazendo sentido nesta língua já o torna assujeitado a ela. Ou seja, o sujeito está assujeitado a linguagem porque tem que se adaptar a ela para poder a utilizar. O sujeito deve conhecer os elementos linguísticos, sociais e culturais para poder se comunicar em uma língua. Como tais elementos não são decididos por ele, o sujeito tem que se familiarizar com algo que já está pronto, dessa forma, o sujeito estará se assujeitando à linguagem.

Na opinião de Possenti (2003), o sujeito é o efeito do sentido, e não sua origem. Assim, o sujeito não é fundador de efeitos de sentido, pelo contrário, é influenciado por eles. Segundo as ideias do autor, os sujeitos não são iguais. A partir dos estudos de Benveniste,

Ducrot e Certeau (*apud* POSSENTI 2003), podemos compreender que o sujeito pode ser comparado a um jogador, que não é criador das regras do jogo, contudo faz parte dele. Assim, observamos que há bons “jogadores”, ou seja, sujeitos que têm noção do quanto podem ser influenciados pela regra desse jogo. Outros, por outro lado, não são tão habilidosos nisso e se deixam levar pelas regras sem que tomem consciência disso.

De acordo com Orlandi (2007), as formações discursivas também são lugares de assujeitamento do sujeito, isso porque são elas que determinam o que pode e deve ser dito, ou seja, elas regulam os enunciados do sujeito, que é assujeitado também pela interpelação da ideologia, uma vez que depende dela para sua constituição. Por “ditar” como o sujeito deve enunciar, se comportar ou reagir, a ideologia o interpela, fazendo-o estar subordinado a ela.

São essas as questões que apontam para um sujeito que está assujeitado, mas que pensa que é dono de suas palavras e produtor original de sentidos quando enuncia.

Segundo Orlandi (2013), para fazer uma análise e conseguir chegar até a ideologia dos sujeitos e os principais pontos formadores do seu discurso, o analista não deve se colocar fora da história, dos símbolos ou da ideologia, mas em um lugar deslocado, que o possibilite observar esses fatores para compreender como eles trabalham para produzir sentidos. Para observar a importância da história, o analista deve levar em conta o percurso que o discurso seguiu através da história em um contexto social com o objetivo de encontrar o interdiscurso, ou seja, os outros discursos presentes no discurso em questão que serão partes integrantes dele. A partir da análise da história no discurso, é possível identificar a ideologia que leva o sujeito (assujeitado) a enunciar desta e não daquela maneira.

3. CONFEÇÃO DO DISFARCE: quando o humor promove mais que o riso

Nesta parte do texto monográfico buscamos discorrer acerca do gênero piada. Para tanto, pesquisamos definições e as principais características daquilo que torna um enunciado cômico. Mostramos ainda exemplos analisados para ilustrar as palavras dos teóricos estudados. Pesquisamos também a relação entre humor e preconceito, mostrando como este pode estar intimamente ligado àquele.

De acordo com Gil (1995), o humor reside na quebra de regras (sociais ou linguísticas) preestabelecidas. O humor se dá quando espera-se um desencadeamento, um final da história, e têm-se outro. É a presença do desfecho inesperado que faz o humor acontecer.

Possenti (1998) afirma que o que faz um enunciado tornar-se engraçado, para ser caracterizado como uma piada, faz-se necessário seguir uma técnica. Ou seja, as piadas são arquitetadas, não surgem a partir de uma fonte de inspiração ou de uma combinação de palavras já engraçadas por si só. Para o autor, grande parte da técnica consiste em fazer aquilo que parecia óbvio tornar-se ambíguo. Dessa forma, o leitor é pego de surpresa porque é levado, propositalmente, a prever um desfecho para o texto e ser surpreendido por outro.

Podemos observar no Exemplo (2), a seguir, como o desfecho inesperado faz com que a piada cumpra seu papel de se fazer rir.

Exemplo 2: O primeiro sutiã

- Mamãe, deixa eu usar sutiã?
- Não!
- Por favor, mamãe!
- Jamais!
- Mas mãe, eu já tenho 15 anos!
- Não, não e não! Eu já falei que não e vê se para com essa conversa, Paulo Ricardo!

Acessado em 07.09.2014

Disponível em <http://beta788.humortadela.com.br/piadas-texto/45466>

Quando lemos a piada, de início, pensamos tratar-se de um diálogo comum entre mãe e filha. Uma das participantes desse diálogo é evidenciada no início. A outra, que até então imaginávamos ser a filha, pede à mãe para usar um “sutiã”, uma peça de roupa do vestuário feminino. À medida em que chegamos ao final da piada, nos deparamos com o desfecho inesperado: não se trata de um pedido de uma filha, mas sim de um *filho*, Paulo Ricardo.

O fator que leva o leitor ao riso é exatamente isso. É o fato inesperado de um *menino* estar pedindo a sua mãe para começar a usar tal peça de roupa. Se o pedido viesse de uma menina não seria engraçado, porque isso é óbvio e não leva ao riso. Todas as jovens meninas, em determinado momento, irão passar por situação semelhante, o que seria o primeiro desfecho óbvio imaginado pelo leitor. O fato de ser surpreendido em sua interpretação leva o leitor a rir da piada.

Além dos aspectos linguísticos, podemos observar também a utilização de um estereótipo na formulação da piada. Gays são, no Exemplo (2), representados através do estereótipo cristalizado do homossexual masculino sempre com características femininas, devido ao uso de uma peça de roupa própria da mulher. O que nos leva também a pensá-lo como uma pessoa sempre exagerada em seus atos, já que nos faz lembrar de travestis e *drag queens*, que têm, normalmente, na natureza de sua aparência uma essência chamativa devido à mistura de características dos gêneros masculino e feminino em um só corpo.

Para Possenti (1998), salvo casos nos quais precisam de trocadilhos⁴ específicos de determinadas línguas, as piadas parecem ser universais no sentido de que quase sempre usam o mesmo tema para provocar o riso (burrice, outra nacionalidade, classes trabalhadoras, etc.), adaptando apenas os personagens (loiras, portugueses, advogados, etc.).

Freud (2006) também considera que parte da comicidade de piadas, ou chistes, está na forma como elas estão organizadas linguisticamente, destacando, dentre outros, o trocadilho e a ironia como fatores linguísticos que podem tornar uma piada engraçada, de fato. Vejamos, no Exemplo (3), a seguir, um caso onde o trocadilho pode provocar o riso.

Exemplo 3: Frutos do mar

Duas bichas estavam em casa, até que uma falou para a outra: - Vamos para o restaurante Frutos do Mar. A outra pergunta: Por quê? E a outra responde. - Porque estou louca para comer o Lula.

Acessado em 07.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada1351bichas.htm>

O trocadilho da piada está no aspecto semântico, pois reside, a princípio, na palavra “Lula”. Quando lemos, na piada, que uma das personagens convida a outra para ir ao restaurante “Frutos do Mar”, o leitor é levado a pensar que elas estão indo comer “frutos do mar”, como o próprio nome do estabelecimento sugere. O que dá um novo rumo no final da

⁴ “Emprego de palavras de sons semelhantes ou iguais e significados diversos. Prestam-se para os trocadilhos os parônimos, a polissemia e a homonímia.” (JOTA, 1981, p. 330)

piada é o artigo definido “o” e a inicial maiúscula, que mudam o sentido da palavra seguinte (linha 3). A ideia semântica de “Lula” passa de um molusco para a imagem de um homem.

Outro trocadilhon aparece no termo “comer”, que em seu sentido literal remete à ingestão de alimentos. Na piada, o termo, ao ser apresentado por uma das personagens, remete a um sentido sexual, uma vez que “comer”, em nossa cultura, pode apresentar o sentido de praticar relações sexuais, mais especificamente através da penetração. Então, na piada, “comer o Lula” tem o significado de penetrar sexualmente o Lula.

A piada em questão, a exemplo da grande maioria das piadas referentes a homossexuais, remete para a sexualidade, dando a impressão de que esse é o único assunto de interesse dessa comunidade; o que é visto com maus olhos em uma sociedade onde sexo é um tabu, e ainda com o “agravante” de ser uma relação entre pessoas do mesmo sexo.

De acordo com Possenti (1998), os textos humorísticos possibilitam várias interpretações, porém com restrições quanto aquelas que irão de fato cumprir o papel de se fazer rir. Dessa forma, o leitor busca as interpretações, ainda que inconscientemente, que o permitem rir, uma vez que, em piadas, na maioria das vezes, a interpretação óbvia nem sempre é a que leva o leitor ao riso. Ou seja, as possibilidades de interpretação de piadas são reduzidas, uma vez que, para se chegar ao riso, o leitor deve ser capaz de fazer a interpretação desejada que o fará enxergar a comicidade da piada. Por isso, em grande parte dos casos, piadas em língua estrangeiras são mais difíceis de compreensão, porque o fator externo à língua, o conhecimento que o leitor tem de determinado assunto num contexto cultural específico, é crucial para a interpretação adequada, isso porque o que torna o enunciado uma piada nem sempre está em seu material linguístico.

É também o que afirma Gil (1995), quando explica que o fator linguístico por si só não é suficiente para tornar um enunciado numa piada. É preciso inserir esse enunciado em um determinado contexto, entendido como “ato de produção do enunciado” (p. 111). Dessa forma, os enunciados serão considerados piadas porque levam ao riso devido a sua contextualização. Os ouvintes devem partilhar de determinados conhecimentos sociais que os levam a perceber o cômico nos enunciados em questão. Isso é relevante no caso das piadas sobre portugueses, por exemplo. Uma piada de português não faria sentido algum se, depois de traduzida, fosse contada no Canadá, por exemplo. Isso acontece porque não há contextualização do que leva ao riso. Canadenses não têm conhecimento dessa rivalidade que leva os brasileiros associarem pessoas de nacionalidade portuguesa a pessoas não providas de inteligência. Os enunciados não farão efeito (de riso) porque estão fora de contexto. Daí a necessidade dessa contextualização para complementar os enunciados arquitetados com

finalidade de provocar o riso. Veremos a seguir, no Exemplo (4), como fatores sociais são fundamentais para se chegar a interpretação desejada de uma situação cômica.

Exemplo 4: O toque



Acessado em 17.09.2014

Disponível em <http://www.vende4.com/wp-content/uploads/2010/08/gaUCHO.jpg>

A História em Quadrinhos (HQ)⁵ acima ilustra uma situação de exame de próstata, cuja principal finalidade é detectar a hiperplasia benigna da próstata (aumento da próstata) e o câncer de próstata. O toque, realizado pelo médico, por via anorretal, não é bem aceito pela comunidade masculina, situação que homens, devido ao machismo presente na sociedade, consideram “perigosa”, já que há penetração (com o dedo) no ânus do paciente, o que pode remeter à posição “inferior” de mulher ou de homossexual.

A contextualização social pode ser percebida no termo “tchê”, marca da oralidade de grande parte dos gaúchos, que são normalmente estigmatizados por pessoas de outras regiões do Brasil devido ao mito de que há mais homossexuais na região Sul, que no resto do Brasil.

⁵ Ainda que o nosso *corpus* seja, em sua maioria, formado pelo gênero piada (gênero discursivo da nossa escolha), em alguns momentos consideramos satisfatório apresentar um outro gênero.

Na HQ, o médico está fazendo o procedimento com um dedo, depois com dois, e o paciente informa que não sente nada, só passa a sentir alguma coisa depois que o médico coloca o punho inteiro no ânus do paciente. A afirmação “sinto que te amo, doutor” mostra que a personagem gostou de ter um punho inserido em seu ânus⁶ e é, dessa forma, homossexual.

Essa HQ, provavelmente, não faria o mesmo sentido se o leitor não fizesse uma ligação direta entre gaúcho e homossexual. Talvez ainda houvesse riso sem esse conhecimento, mas o fato de uma das personagens ser gaúcha, inferido através do termo regional “tchê”, dá um novo tom à HQ, provocando o riso, ocorrendo, assim, o mesmo que ocorre no gênero piada. Esse elemento torna a mensagem menos óbvia para aqueles que não fazem uma ligação com essa convenção social.

Como as piadas também veiculam ideologias, como bem explica Possenti (1998), podemos identificá-las no gênero humorístico tanto no material linguístico em si, quanto na interpretação de quem escuta ou lê a piada. Por exemplo, podemos identificar a ideologia ou posicionamento de um leitor acerca de um tema através do riso ou não de determinada piada. Dessa forma, quando um sujeito conta uma piada, ou simplesmente ri dela, ele está filiado à determinada ideologia ou concorda com a afirmação implícita em tal piada, ainda que de forma inconsciente, já que o discurso não é transparente o suficiente para mostrar tão facilmente a ideologia que o sustenta. Vejamos a seguir, no Exemplo (5), como as piadas podem revelar ideologias que sustentam os discursos.

Exemplo 5: Filho do casal gay:

Um casal gay adotou uma criança logo após o reconhecimento da união gay pelo STF.

Durante o banho o ingênuo garoto fala pro pai:

— Puxa papi! Que pipi grande que o senhor tem!

O pai com um brilho nos olhos, comenta:

— É que você não viu o da mamãe!

Acessado em 09.04.2014

Disponível em <http://www.osvigaristas.com.br/piadas/filho-do-casal-gay-12804.html>

⁶ A HQ (Exemplo 4) pode também fazer referência ao *fisting*, que é uma prática sexual que consiste na introdução da mão ou do antebraço na vagina ou no ânus do(a) parceiro(a) sexual.

Neste exemplo, que trata de um tema polêmico, podemos observar a ideologia presente na opacidade do discurso que essa piada carrega. A piada começa situando o leitor no contexto: um casal homossexual que adota uma criança. O fato deste assunto gerar muitas discussões no meio social devido a questões religiosas, possivelmente, já desperta a atenção do leitor por se tratar de um tema mais convidativo, como discutiremos no próximo tópico.

Quando a criança comenta, surpresa, sobre o tamanho do órgão reprodutor do seu “pai”, já temos uma insinuação que crianças adotadas por homossexuais têm tendências a condições homossexuais. Podemos observar, ainda, o modo como a criança se refere ao pai usando “papi”, que é um termo geralmente usado por homossexuais, o que dá pistas sobre a associação à crença de que crianças podem ser homossexuais porque os pais o são. O sujeito que está no banho refere-se ao seu companheiro como sendo a “mãe” da criança.

O desfecho inesperado está no termo “mamãe”, uma vez que o leitor já sabe que se trata de um casal de dois homens. É impossível uma mulher, uma mãe, ter um “pipi”, neste contexto, termo associado à genitália masculina. Isso leva o leitor da piada ao riso e, mais que isso, mobiliza ideologias. A ideologia presente neste enunciado cômico é de que famílias devem ser formadas de maneira tradicional, ou seja, a partir da união entre um homem e uma mulher. O fato de um dos homens da piada ser tratado como uma mulher na relação conjugal revela essa ideologia. Diz, implicitamente, que, até nos casos de união de pessoas do mesmo sexo, deve haver uma estrutura formada através da junção da figura masculina e da figura feminina. Essa piada pode revelar um discurso fundamentalista, que se apoia da visão tradicional nas coisas e, conseqüentemente, refuta a diversidade, que vem sendo tratada abertamente e ganhando notoriedade e reconhecimento nos dias atuais.

Quando uma piada desse tipo é contada, mais que o riso é compartilhado. A ideologia que não reconhece a identidade de certos grupos sociais é partilhada com o riso. Essa ideologia é camuflada no humor. O sujeito que ri ou conta a piada, estará, consciente ou inconscientemente, contribuindo para que essa visão seja reforçada, o que resulta na intensificação da marginalização desses novos tipos de famílias, que têm desde casais homossexuais até grupos poligâmicos como base. Essa marginalização é assegurada pela interdiscursividade, que faz com que as palavras do outro signifiquem nas palavras de quem enuncia. Dessa forma, o preconceito, vindo do discurso do outro, passa pelo discurso de quem fala e atinge os discursos daqueles que escutam e compartilham tais piadas. Isso é entendido, teoricamente, como dialogismo bakhtiniano, que é a relação que um discurso faz com discursos já enunciados e com os discursos que ainda serão enunciados.

3.1 Piadas e preconceitos

As piadas que envolvem palavras como ponto crucial para o riso vão além do duplo sentido que podem carregar: a ambiguidade. Em diversas situações, as palavras mobilizam bem mais que isso, elas trazem para as piadas conceitos mais amplos, que revelam discursos e permitem que os leitores leiam nas entrelinhas e façam mais inferências que apenas duplo sentido. Sobre o humor negro⁷, algumas piadas provocam o riso justamente por ridicularizarem limitações físicas ou características de classes socialmente desprivilegiadas. Como comenta Possenti (1998), citando Freud, as piadas consideradas boas (considerando a subjetividade, gosto e juízo de cada sujeito), tendem a ser compartilhadas na sociedade.

Baseadas em discursos proibidos, as piadas recaem sobre temas que são espaços de preconceitos e controvérsias. Por se tratar de um gênero aparentemente neutro e sem maldade, as piadas acabam revelando preconceito através da duplicidade, que leva os leitores ou ouvintes ao riso. A piada é o lugar onde preconceitos têm passe livre, uma vez que é um gênero "despretensioso". Os discursos preconceituosos que não podem circular livremente na sociedade serão mascarados em piadas, como no Exemplo (6), a seguir.

Exemplo 6: Filho de peixe...

Um casal de paneleiros (veados, para vocês) decidiu que queria ter um filho. Mas como fisiologicamente isso era impossível, decidiram pagar a uma barriga de aluguer. Quando a criança nasceu, foram os dois ao hospital para ver o bebê. Quando lá chegaram, a enfermeira conduziu-os a uma sala onde estavam muitas crianças que choravam bastante, à exceção de uma, que estava muito sossegada. A enfermeira disse-lhes que era esse o filho deles, ao que diz um dos paneleiros: - Ai, querido, vê-se logo que é o nosso menino, tão sossegadinho... Responde a enfermeira: - Sossegado o car**ho, tire-lhe a chupeta do c*ú e logo vê como ele berra !!! Conclusão: tais pais tais filhos...

Acessado em 09.04.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piadas-de-bichas.html>

⁷ O próprio termo "humor negro" já é, por si só, carregado de preconceito, uma vez que associa a cor e, implicitamente, a raça negra à negatividade, a coisas proibidas. Isso pode ser observado também no caso da "inveja branca" que alivia o sentimento de culpa e o aspecto negativo da inveja. Consequentemente o contrário, "inveja negra", embora não utilizado, porém inferido, está, por oposição, carregado de negatividade, já que é o contrário da neutralidade do primeiro termo.

O teor desta piada, similar ao exemplo anterior, carrega em seu desfecho inesperado, a ideologia de que pessoas do mesmo sexo não serão um bom exemplo de família, não são o modelo normal, e ainda, irão afetar negativamente⁸ a vida dos seus dependentes, dos seus filhos. A marginalização começa (além da utilização de termos pejorativos para se referir a homossexuais) quando a criança, que ainda está na maternidade, é tratada como uma exceção, como uma criança diferente, já que todas as outras crianças estão chorando (o que é normal) enquanto a criança, concebida por inseminação artificial (que utiliza espermatozoides dos pais e, conseqüentemente, seus genes), não está chorando, ou seja, é uma exceção, uma fuga ao que é normal.

Mais uma vez, podemos perceber que piadas sobre homossexuais estão, geralmente, ligadas ao teor sexual, que nesse caso estende-se a uma criança recém nascida. O fato de que a criança precisa ter uma chupeta introduzida no ânus para não chorar induz o leitor a fazer uma ligação deste fato com a penetração anal pelo pênis, prática adotada pela maioria dos homossexuais masculinos. Essa ligação se confirma com a explicação que aparece no final da piada: “Conclusão: tais pais tais filhos...”.

O preconceito que atravessa esta piada torna vítima não só o homossexual, mas também uma pessoa que não tem nada a ver com sua prática. Neste caso, a criança. Não há como não perceber a marginalização que esta piada promove e dissemina através de seu compartilhamento. Neste caso, devido a sua posição ideológica, o sujeito que ri desta piada mostra-se a favor ou assujeitado a este pensamento e aquele que não ri está, possivelmente, contra a disseminação de tais ideais.

Segundo Bergson (2007, *apud* VALE, 2010), o riso sempre vitima alguém, pois seu objeto é sempre humilhado. O riso pode vir de defeitos físicos ou características que podem ser entendidas como anormais. Dessa forma, quando se ri dessas características, está havendo, automaticamente, uma marginalização de determinados indivíduos ou grupos, como afirma Vale (2010), quando coloca que alguns grupos emoldurados são representados no humor brasileiro, como as loiras ou as sogras, por exemplo. Assim, esses grupos, quando objetos de piadas, acabam sendo humilhados e marginalizados.

Como citado acima, o riso também é manifestação de preconceitos, como, por exemplo, o racismo. O riso serve para exprimir o ódio que não poderia se mostrar em uma situação que não a de uma piada. Assim, o ódio que é “proibido” na sociedade encontra uma

⁸ A negatividade aqui é tratada pelo ponto de vista do senso comum: uma criança filha de pais homossexuais vai, naturalmente, herdar características homossexuais. Sabemos que esta não é uma afirmação verdadeira pois o inverso deveria ser verdadeiro: todas as crianças filhas de pais heterossexuais deveriam ser também, de acordo com essa lógica, heterossexuais.

“brecha” para aparecer através do discurso humorístico, pois a civilização e polidez permite que isso aconteça, uma vez que discursos de ódio não seriam bem vistos em outro contexto.

Vamos observar, a seguir, com o Exemplo (7), como a despretensão de uma piada pode revelar o preconceito e marginalização através da opacidade do discurso que materializa.

Exemplo 7: Homossexual não

No psicanalista, o rapaz confessa: - Doutor, eu acho que sou homossexual. - Quem? Você? De jeito nenhum. Veja só: o sanguinário Nero era homossexual, o inesquecível Rock Hudson era homossexual, o magnífico Napoleão Bonaparte era homossexual, o talentoso Oscar Wild era homossexual. Mas você? Você não. Você não passa de um viadinho de mer*da.

Acessado em 07.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada190bichas.html>

Neste Exemplo (7), o desfecho inesperado carrega a despretensão que uma piada pode simular quando, na verdade, está carregando preconceito e sentimentos negativos. Quando o psicanalista afirma que o cliente não é homossexual, o leitor é induzido a pensar que o profissional está reunindo provas, através de exemplos de nomes conhecidos como Rock Hudson, ator norte-americano que fez grande sucesso nas décadas de 50 e 60 – famoso também por ser a primeira grande celebridade a falecer devido a complicações causadas pela AIDS –, de que seu paciente não é homossexual, quando na verdade está buscando exemplos do que seriam homossexuais, para mostrar que seu cliente não era um, mas sim um “viadinho de merda”.

O uso de adjetivos como “inesquecível” e “magnífico” para dar características a grandes nomes associados à homossexualidade, mostra um sinal de respeito. Infere-se, no final da piada, que o paciente não possui nenhuma dessas características, e assim não é importante, logo, é um “viadinho de merda”. O termo pejorativo marca a marginalização do homossexual em questão. Assim, o interdiscurso presente nesta piada nos diz que para ser um homossexual (sem ser condenado), deve-se ter qualidades que neutralizem o “erro” da homossexualidade. Por outro lado, se o homossexual é uma pessoa comum, sem tais características que o tirem da posição de “mais um homossexual”, ele será marginalizado, não receberá o *status* de homossexual, ficará numa posição “inferior”.

Como nem sempre é uma crítica social, como no caso do gênero discursivo charge, o humor pode servir apenas como fonte de riso e de reprodução de preconceitos, como na máxima que diz que loiras são burras (em situação cotidiana), o que não seria bem visto. A possibilidade de fazer piadas afirmando que loiras são burras (justamente no contexto de uma

piada), “aliviaria” o peso dessa afirmação, uma vez que é “apenas uma piada”. São essas “brechas” que permitem que homossexuais sejam ridicularizados através de estereótipos onde gays estão sempre interessados unicamente em sexo ou todos os gays têm o mesmo comportamento e aparência (todo homossexual é uma caricatura, é exagerado em seus gestos, é socialmente inferior a heterossexuais). Podemos ver estereótipos no Exemplo (8), a seguir.

Exemplo 8: Gaiolinha

A bicha vai ao médico: - To com dodói! - diz em voz afetada. - Onde? Na cabeça? - Não, doutor! é mais para baixo! - O pescoço? - Não, doutor! é mais para baixo! - O estômago? - Não, doutor! é mais para baixo! - Já sei! é o passarinho! - Não, doutor! é a gaiolinha!

Acessado em 07.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada202bichas.html>

Com a leitura desta piada, percebemos que alguns elementos lexicais caracterizam alguns estereótipos para pessoas homossexuais. É o caso da “voz afetada”, que implica dizer que todos os homossexuais têm essa característica. Em outras palavras, a utilização desse termo generaliza e coloca vários sujeitos em um rótulo, sem considerar a subjetividade dos sujeitos.

Termos como esses dão a impressão que homens homossexuais têm sempre características femininas, seja no comportamento, roupas, profissões ou, como nesse caso, o corpo (já que “voz afetada” remete a uma voz mais aguda, mais comum em mulheres), o que não é verdade, como sabemos, pois em toda generalização há exceções. Palavras diminutivas, como “dodói”, dão a impressão de fragilidade ou ingenuidade, que são, injustamente, também atribuídas às mulheres. A disseminação dessa piada contribui para que mais pessoas tomem essa concepção e reforcem esse estereótipo.

O uso de “gaiolinha”, no desfecho da piada, além de ser mais um termo que remete ao “universo frágil ou ingênuo” das mulheres, serve, também, como mais uma forma de dizer que homossexuais estão, normalmente, se referindo ao sexo, uma vez que o médico utiliza “passarinho” para se referir ao pênis e a “bicha” faz uso de “gaiolinha” para significar ânus. Assim, o lugar do pênis (passarinho) seria dentro do ânus (gaiolinha).

Freud (2006) faz uma divisão dos chistes em não tendenciosos e tendenciosos, chamando atenção para este segundo tipo por se tratar de chistes hostis ou obscenos. Destaca ainda que os chistes tendenciosos são mais prazerosos para quem os escuta. Isso pode ocorrer devido à permissão do proibido que tais chistes podem carregar. Ou seja, os enunciados socialmente proibidos podem ser ditos através de piadas e estas, devido ao seu conteúdo

proibido, acabam por fazer mais sucesso. Vejamos a seguir, com o Exemplo (9), como piadas que vitimam homossexuais podem ser tendenciosas devido ao discurso proibido que carregam.

Exemplo 9: A cura

Uma jovem bichinha gaúcha corre desesperada para o pai: - Papi, papi, bá, eu to com AIDS! Eu vou morrer! E o pai, sério, falou: - Faz o seguinte: Ingredientes: * 2 vidros de óleo de rícino * 1 vidro de leite de magnésio * 1 dúzia de comprimidos de Lacto-Purga * 2 ovos de pata * 1 coca-cola pequena, quente * 2 colheres de azeite de dendê Preparo: Bata tudo no liquidificador ate uniformizar a cor. Tome numa só virada. - E isso vai me curar? - Se vai curar, eu não sei, mas que você vai reaprender para que serve um C*U, ah, isso vai!

Acessado em: 03.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada189bichas.html>

Neste Exemplo (9), podemos observar alguns elementos das piadas anteriores, já que este gênero utiliza sempre um mesmo tema para provocar o riso, como afirma Possenti (1998). Percebemos a associação de gaúchos com homossexuais (“Uma jovem bichinha gaúcha”, “bá”), elementos que cristalizam estereótipos (“Papi, papi”) e o final inesperado (o leitor pensa que a receita que o pai dá ao filho serve para curar a AIDS, quando na verdade não é).

A piada do Exemplo (9) é hostil no sentido em que relaciona homossexuais à contração e transmissão do HIV, vírus que desencadeia a AIDS. Melo (2013) mostra que no Brasil, nas décadas de 80 e 90, esta doença causou grande pânico por parte da população e que a mídia sensacionalista atribuiu, na época, a transmissão do vírus aos homossexuais, fazendo as pessoas acharem que homossexuais eram culpados pela pandemia. Essa atribuição trouxe aos homossexuais da época a segregação devido à partilha desse discurso através do senso comum, o que tem reflexos ainda nos dias atuais.

A segregação aqui é permitida porque “trata-se apenas de uma piada”, já que este é um gênero aparentemente desprezioso ou neutro. É dessa maneira que as piadas ajudam a disseminar a homofobia e a promover a marginalização daqueles que sofrem este tipo de preconceito colocando-os numa posição de fuga à regra.

Isso acontece porque no momento que um sujeito materializa tal discurso, através de uma piada, ele mobiliza também as ideologias que sustentam esse tipo de preconceito. O preconceito é resgatado no momento da enunciação, e se uma pessoa, ainda que de forma inconsciente, concorda com aquilo que não está totalmente explícito no humor, tem grandes

chances de reproduzir tal piada em outra formação discursiva e, conseqüentemente, levar também o discurso de ódio, acobertado pelo humor, adiante, influenciando os discursos de quem ouvir, podendo fazer este ciclo perpétuo.

Além de ter poder de vitimar grupos e carregar discursos proibidos, as piadas são facilmente disseminadas, segundo Freud (2006), porque este é um gênero que necessita da partilha. Os preconceito e humilhação, presentes em tais piadas, são igualmente partilhados.

Segundo Possenti (1998), o discurso humorístico, através do gênero piada, é o lugar onde os discursos proibidos têm permissão para circular na sociedade. Através do humor, de forma aparentemente neutra, entram em circulação críticas, reações e preconceito, para citar alguns exemplos. O propósito principal de se fazer rir é o que permite essa circulação, pois o que vem nas entrelinhas nem sempre é percebido, ou seja, a maioria dos leitores e ouvintes de piadas as utilizam apenas para sua finalidade principal: provocar o riso.

A partir disso, percebemos que as piadas não são tão inocentes, tanto na forma de produção (que nos revelam ser uma coisa arquitetada, diferentemente da despreensão e espontaneidade que se mostra na hora em que se conta a piada) como no seu conteúdo, que apesar de levar ao riso, quase sempre sinônimo de alegria e descontração, pode também mobilizar sentimentos de repressão a grupos sociais tradicionalmente marginalizados e vítimas de preconceitos.

Ao reproduzir piadas com uma temática polêmica ou que represente um discurso que não é bem visto na sociedade, o sujeito se utiliza delas para dizer o que não poderia ser dito em outra situação. Ou seja, dizemos o que é proibido através de piadas. Sejam críticas ou preconceitos, as piadas são um meio de se chegar ao discurso e ideologia de quem as pronunciam.

4. REVELAÇÃO DA REAL FACE: o preconceito escondido atrás de uma máscara

Faremos, neste capítulo, uma breve diferenciação entre gênero e sexo, bem como a visão que se tem sobre homossexualidade e sua história, o preconceito contra pessoas LGBT e a relação de poder que se exerce através do sexo biológico, levando a uma normatização ou busca do modelo ideal (segundo uma visão machista), que é, de certa forma, a raiz da homofobia, que tanto marginaliza homossexuais no Brasil e no mundo.

Em uma distinção⁹ esclarecedora, Sam Killermann (2013) explica o que chama de *Genderbread Person*¹⁰, afirmando que há consideráveis nuances na identificação sexual/afetiva dos sujeitos. Suas definições vão além do desejo sexual e do sexo biológico. O autor considera quatro âmbitos que podem ser assim classificados: (a) identidade de gênero, (b) expressão de gênero, (c) sexo biológico e (d) orientação sexual. Segundo Killermann (*ibidem*), todas essas áreas são independentes e, dessa forma, nenhuma influencia ou é resultado da outra.

Gender Identity, ou Identidade de Gênero, é uma escala que está relacionada ao pensamento, a como a pessoa se enxerga. Nas pontas da escala estão mulher e homem e no meio o gênero *queer* (do qual trataremos adiante), que é quando a identidade sexual está entre homem e mulher, sem uma necessária fixação em um dos extremos. O autor considera, também, que há aqueles que não se veem presos às possibilidades limitadas de homem e mulher, são os casos dos transgêneros e outras formas de identificação relacionadas (incluindo também aqueles que se consideram sem gênero).

De acordo com Killermann (2013), é sabido que a Identidade de Gênero é formada aproximadamente aos três anos de idade. A formação dessa identidade é oriunda da combinação tanto de hormônios e o ambiente social quanto pelo sexo biológico. Nas palavras do autor, “*Oftentimes, problems arise when someone is assigned a gender based on their sex at birth that doesn’t align with how they come to identify*” (p. 63)¹¹.

Já no *Gender Expression*, ou Expressão de Gênero, temos de um lado da escala o masculino (relacionado ao homem) e do outro o feminino (relacionado à mulher), sem esquecer do termo andrógino que fica entre eles. Esta esfera abarca a forma como as pessoas

⁹ Ilustração disponível no Anexo.

¹⁰ No Brasil conhecido como Biscoito Sexual.

¹¹ Tradução nossa: “Normalmente, problemas surgem quando é atribuído às pessoas um gênero baseado em seu sexo no nascimento que não se alinha a como essas pessoas vêm a se identificar.”

demonstram sua Identidade de Gênero através da maneira de vestir, de agir, de interagir, lembrando que este pode ser um fator intencional ou não, ou seja, é a materialização da identidade de gênero. Assim como a identidade de gênero, a expressão de gênero é flexível, permitindo que os sujeitos não fiquem fixados em uma só forma de se expressar. Portanto, durante um mesmo dia, por exemplo, as pessoas podem variar entre o masculino e o feminino de acordo com seus atos e posturas.

A próxima escala é a do *Biological Sex*, ou Sexo Biológico, e tem a ver, como o próprio nome sugere, com a anatomia humana. A escala vai do feminino (vagina, ovário) ao masculino (pênis, testículos), atravessada pelo intersexo, que é a combinação dos dois. Se considerarmos apenas essa característica para descrever os gêneros humanos, teremos então o feminino, com sujeitos que nascem com vagina, cromossomos XX e com capacidade de gerar uma criança em seu ventre; e o masculino, com sujeitos nascidos com pênis, cromossomos XY e com a capacidade de gerar uma criança no ventre de uma mulher. A questão da intersexualidade é tratada para se referir a pessoas que nascem com características físicas externas masculinas, porém com características internas femininas (útero, ovários). O termo hermafrodita não é usado, explica Killermann (2013), porque é um termo que trata essa característica como anormalidade para uma concepção que vê o masculino e o feminino como únicas formas de normalidade.

Por fim, temos *Sexual Orientation*, ou Orientação Sexual. Esta escala diz respeito a atração física, espiritual e emocional que os sujeitos sentem baseados em seu próprio sexo/gênero. De um lado, temos a heterossexualidade, quando há atração pelo gênero oposto. Do outro, a homossexualidade, que diz respeito a atração por pessoas do mesmo gênero, então temos gays e lésbicas. No entremeio, aparece a bissexualidade, que é a combinação dos dois anteriores, com atração tanto pelo gênero oposto quanto pelo mesmo gênero. Esta é a escala que as pessoas mais conhecem (sem, geralmente, considerar as outras três, que não dizem respeito ao sexo em si). Quem se reconhece transgênero e tenta nos explicar tais questões de gêneros é o cartunista brasileiro Laerte¹².

Saindo de uma visão de dentro do ser humano, em sua subjetividade, para uma visão externa a ele, Santos (2012) afirma que as posturas humanas frente a questões sexuais são condicionadas socialmente. Isso explica, por exemplo, o fato de que há mudanças nos papéis sociais femininos e masculinos em diferentes partes do mundo. Em outras palavras, não nascemos com determinadas características ou funções sexuais naturais, mas estamos sujeitos

¹² “[SSEX BBO] ~ PERFIL: Um dia com Laerte”. Disponível em <http://vimeo.com/109946062>. Acessado em 29.10.2014.

ao que determina a cultura da sociedade na qual vivemos. A partir daí, podemos compreender o fato de que em algumas culturas a mulher é tida como submissa aos homens enquanto em outras, não há essa hierarquia.

Dessa forma, como afirma Joan Scott (1990, *apud* SANTOS, 2012), há uma diferenciação entre gênero e sexo. O gênero é condicionado socialmente e determina características e conduta dos sujeitos, como atividades de lazer, profissões a seguir, roupas e função social. Por outro lado, o sexo é biológico, anatômico. As sociedades estão sempre atribuindo funções sociais ao que foi concebido biologicamente. Em outras palavras, são atribuídos gêneros aos sexos quando, por exemplo, o casal começa a preparar na cor azul o quarto do bebê, quando sabem que esperam um menino. Essa atribuição de gêneros sociais acontece também quando uma menina ganha uma casinha ou um bebê como brinquedo. Estamos, dessa forma, atribuindo a função de dona de lar, ou de mãe a uma criança de acordo com seu sexo. Brincadeiras que são proibidas para meninos também são outras formas de fazer essa atribuição. Máximas que dizem “meninos não choram” também partem do princípio de que eles devem fazer isto ou aquilo porque nasceram homens.

A Ilustração (1), abaixo, mostra como os papéis de gênero são impostos aos sujeitos através da sociedade. A página de humor “Moça, seu namorado é gay” se propõe a alertar as meninas sobre atitudes “suspeitas” de seus namorados. Para tanto, faz “denúncias” de práticas homossexuais “cometidas” por seus companheiros. Assim, se um homem faz ou se identifica em uma das características mostradas pela página, ele é certamente gay.

Ilustração 1: *iPhone* branco¹³



¹³ As ilustrações 1, 2 e 3 foram retiradas da página do Facebook “Moça, seu namorado é gay”, que tem como descrição: “Quem nunca teve vontade de mostrar para uma amiga que o namorado dela curte rapazes? Mostre pra ela que os sinais estão lá e só ela não quer ver.” Disponível em <https://www.facebook.com/mocaseunamoradoegay>. Acessado em 05.11.2014.

Acessado em 03.09.2014

Disponível em

<https://www.facebook.com/mocaseunamoradoegay/photos/pb.160783737378580.2207520000.1409753896./164056280384659/?type=3&theater>

“Moça... seu namorado tem um *iPhone* branco”, então ele é gay. Isso é acreditado porque, de acordo com o senso comum, um aparelho celular nesta cor não é “coisa” de homem. Logo, se um homem utiliza um telefone desta cor, não é homem o suficiente e, conseqüentemente, com mais chances de ser homossexual.

Aqui podemos ver, claramente, como a sociedade impõe papéis aos gêneros de acordo com o sexo biológico. O que determina que um homem não pode usar um aparelho celular na cor branca não é o seu sexo biológico, uma vez que este não tem relação nenhuma com o aparelho. A anatomia humana de um homem não influencia em absolutamente nada o uso ou não de tal aparelho, da mesma forma que o aparelho não influencia em nada o sexo biológico de quem o usa, seja homem ou mulher. O que determina, na verdade, a utilização do aparelho ser vista com bons olhos ou não é o contexto sócio-histórico no qual o sujeito este inserido. Dessa forma, este não é um fato universal.

Assim como vimos na ilustração (1), a ilustração (2), a seguir, traz mais um exemplo de “coisa de gay”: se um homem “sabe que a primavera começou”, ele não é completamente homem, uma vez que saber sobre estações e flores não é, pelo menos em nossa sociedade, coisa de homem.

Ilustração 2: Primavera



Acessado em 03.09.2014

Disponível em

<https://www.facebook.com/mocaseunamoradoegay/photos/pb.160783737378580.2207520000.1409754084./161483680641919/?type=3&theater>

Mais uma vez, podemos ver que não há relação alguma entre saber que a primavera começou com o sexo biológico dos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres. Também não exerce influência sobre a identidade de gênero das pessoas. Um sujeito não vai se tornar mais ou menos homem/mulher (macho/fêmea) porque conhece determinada informação.

Outra ilustração (3) da página nos mostra que até mesmo em “coisas de homem”, há como ser “mais” ou “menos” homem.

Ilustração 3: *Mortal Kombat*



Acessado em 03.09.2014

Disponível em

<https://www.facebook.com/mocaseunamoradoegay/photos/pb.160783737378580.-2207520000.1409754084./161406110649676/?type=3&theater>

Mortal Kombat é um jogo de luta desenvolvido em 1992 pelos americanos Ed Boon e John Tobias. O jogo se tornou um grande sucesso e ganhou diversas versões, com uma nova prevista para o primeiro semestre de 2015. O videogame, por si só, é, devido à nossa cultura, um brinquedo de menino, principalmente em se tratando de jogos de lutas, que carregam violência, ainda que através de ficção, em seu conteúdo.

No jogo, há, dentre tantas outras personagens masculinas, algumas personagens femininas, como é o caso de Sindel, Jade, Kitana e Milena, citadas na Ilustração (3). Tais personagens usam roupas justas e curtas, o que faz suas curvas ficarem bem marcadas, destacando sua feminilidade dentre as outras personagens, que são musculosas e másculas.

De acordo com a ilustração do site, se um homem escolhe uma dessas personagens para jogar *Mortal Kombat*, ele é homossexual. Isso deixa evidente que até dentro das próprias atividades “de homem” há convenção social do que deve ou não ser feito com o objetivo de preservar a masculinidade.

Essa atribuição de gêneros aos sexos pode ser vista também em Foucault (2005), que afirma que os gêneros são atribuídos aos sujeitos através de instituições reguladoras como igrejas, escolas e famílias. Dessa forma, estamos, desde o nascimento, rodeados por normas que prescrevem modelos de comportamentos atribuídos de acordo com nosso sexo biológico. São expectativas, nem sempre cumpridas, que depositam nos sujeitos de acordo com seu sexo biológico.

Conforme Guimarães (2004), os comportamentos sexuais humanos são preestabelecidos culturalmente, e repassados, desde a infância, através de instituições de poder, como o lar e a escola. Em outras palavras, essas instituições vão prescrever como os sujeitos devem se comportar, o que devem fazer ou do que devem brincar (quando crianças e até mesmo quando adultos, como nos videogames), por exemplo. Tudo isso tomando como base o modelo heterossexual, o “normal”.

O Exemplo (10), a seguir, traz uma situação na qual são depositadas expectativas de comportamento sobre um sujeito baseando-se em seu sexo biológico.

Exemplo 10: Eu sou bicha?

Um menino sai correndo da escola, chega em casa, e fala para o pai:
 – Pai, na escola, tem um menino, que fica me chamando de bicha! E eu não sei por que?
 – Más meu filho, por que você não dá uma porrada nele?
 – AHHHH Pai!! É que ele é tão bonitinho!

Acessado em 21.09.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/eu-sou-bicha/>

No Exemplo (10) em questão, além do desfecho inesperado, que torna o enunciado cômico, podemos observar a manutenção da atribuição de gêneros através de instituições sociais como a família, presente na piada. Neste Exemplo (10), o pai incita o filho a defender sua posição de homem quando seu colega o insulta na escola. A partir do momento que há esse encorajamento, há também a reafirmação, desta vez no ambiente familiar, do que já

acontecias na escola: ser ou parecer homossexual é uma coisa que não deve acontecer, por isso deve haver intervenção.

Além de haver intervenção, no discurso humorístico, essa deve ser de forma violenta: “por que você não dá uma porrada nele?”, indaga o pai. Este enunciado reflete a ideia de que a masculinidade deve ser defendida a qualquer custo e na melhor forma “masculina” possível. Nos dá a impressão de que ser macho é uma das questões mais importantes, para a qual a criança tem que atentar. O signo ideológico “porrada”, presente neste Exemplo (10), remete à violência, avigorando a agressividade do enunciado.

Dessa forma, as crianças já estão, desde bem pequenas, rodeadas de predestinações atribuídas, socialmente, de acordo com seu sexo biológico. Seja na escola ou em casa, como visto no Exemplo (10), ser homossexual é errado. A violência pode acontecer tanto em forma de chacota, quanto em forma de rejeição sofrida nesses dois ambientes.

Para Vaughter (1976, *apud* GUIMARÃES, 2004), a produção sexual do masculino e do feminino é dividida de acordo com os papéis sexuais e papéis de gênero, sendo este atribuído de acordo com o primeiro. Os papéis sexuais são, conforme o autor, aqueles naturais e comportamentais, de acordo com o sexo biológico, masculino ou feminino. Os papéis de gênero são aqueles que se espera dos sujeitos, e são atribuídos, socialmente, ao sexo biológico. Assim, os papéis de gênero masculino são atribuídos a crianças de sexo biológico masculino e os papéis de gênero feminino atribuídos a crianças de sexo biológico feminino.

Toda essa convenção social vê a sexualidade e gênero tendo o modelo heterossexual como paradigma, por ser considerado como normal. Uma criança do sexo masculino que gosta de “brincadeiras de menina”, por exemplo, é motivo de preocupação para os pais, isso porque ele está fugindo do que é “normal” socialmente. No senso comum, devido à heteronormatividade, desde a infância (ou até antes do nascimento, no caso do enxoval de bebê), os sujeitos já têm as expectativas para suprir. Têm que “andar na linha” de acordo com o que é socialmente considerado normal.

Para Guimarães (2004), devido a todo esse processo de prescrição que as sociedades impõem sobre os sujeitos, tem-se a impressão de que o homossexual seria uma inversão de uma normalidade heterossexual, o que resultaria em homossexuais masculinos vistos como tomando referências heterossexuais femininas, e homossexuais femininos, por outro lado, vistos como tomando referências heterossexuais masculinas. Dessa forma, vendo o heterossexual como modelo e o homossexual como inversão, tem-se a marginalização ou condenação de certos comportamentos de gêneros que fogem dessa regra.

Devemos considerar ainda, como coloca Moita Lopes (2004), que as práticas sexuais humanas vão além do que o sexo biológico pode comportar. Da mesma forma que há várias outras formas de identidade social como raças e classes sociais, há também identidades sexuais que vão além de heterossexual e homossexual. São casos de pessoas transgêneras, travestis, etc. Daí a preferência pela sigla LGBT (Mulheres e homens homossexuais – lésbicas e gays -, bissexuais e pessoas transgêneras – travestis, transexuais e intersexuais) a outras como GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes).

Essa perspectiva remete à Teoria *Queer*. Louro (2001) afirma que o termo pode ser traduzido como ridículo, excêntrico, raro, com um sentido de insulto ou deboche contra homens e mulheres homossexuais. Preciado (2010, *apud* SANTOS FILHO, 2012) coloca que *queer* é um insulto em inglês, que significa bicha, boiola, marica, remetendo a desvio sexual ou perversão.

O termo é também, conforme Louro (2001), adotado para um movimento de homossexuais e feministas caracterizados pela oposição e contestação. Mais especificamente, é um estudo de oposição a heteronormatividade que regula a sociedade. Segundo Santos Filho (2012), o *queer* vai de encontro ao que está fixado. O sujeito não se vê mais preso a algo¹⁴. Acontece o oposto: o sujeito está sempre numa busca pela sua constituição. Por se tratar de fuga ao que está fixo, a identidade nunca está completa por não se encaixar nas normas, assim, sempre haverá a busca pela formação de identidade, que se faz através do outro, uma vez que ao definir o que somos, definimos, ao mesmo tempo, o que não somos.

Dessa forma, com a contribuição dos estudos *Queer*, são consideradas identidades de gêneros e, conseqüentemente, o reconhecimento de práticas sexuais que vão além do binarismo heterossexual/homossexual, no qual este último é sempre um desvio do primeiro. Para esse estudo, há homens, mulheres, travestis, transexuais, *crossdressers*,¹⁵ heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais¹⁶, etc. em uma constante busca pela sua constituição (SANTOS FILHO, 2012). A Teoria *Queer* abre espaço para a diversidade de identidade, expressão, orientação e sexo biológico, propostos por Killerman (2013).

¹⁴ “[#SSEX BBOX] PERFIL QUEER com Razec Edardna (Português)”. Disponível em <http://vimeo.com/106737435>. Acessado em 28.10.2014

¹⁵ Pessoas que se vestem com características do gênero oposto (homens que se vestem como mulheres e vice-versa) com finalidades variadas que vão além do sexo. *Crossdressers* podem praticar esse estilo com objetivo de vivenciar a realidade do gênero oposto.

¹⁶ Pessoas que se atraem sexualmente e/ou emocionalmente por gêneros independentemente do binarismo homem/mulher. Dessa forma, a pansexualidade possibilita a atração por pessoas que não se identificam como homem ou mulher, como o caso de travestis, transexuais ou *drag queens*, por exemplo.

4.1 Homossexualidade

Segundo Melo (2013), pessoas LGBT, em sociedades ocidentais, são vistas como uma fuga à regra natural e biológica da natureza. Isso ocorre porque tais sociedades acreditam que a sexualidade está diretamente relacionada ao instinto natural, assim como nos animais, sem considerar o aspecto cultural da questão.

Discordando desta visão, o Doutor Drauzio Varella (2014), mostra, a partir de um olhar da medicina, portanto científico, que o instinto ou regra biológica da natureza não é tão fechada. O médico afirma, em vídeo publicado em seu canal no *YouTube*,¹⁷ que a homossexualidade já é um fato comprovado em praticamente todas as espécies de animais vertebrados, répteis e pássaros. O médico alerta ainda para o fato de que o comportamento homossexual pode ser controlado, porém o desejo não é, uma vez que este é instintivo.

Mostrando que a discriminação da homossexualidade é uma questão cultural, Almeida (2010) afirma que, atualmente, algumas tribos indígenas e algumas sociedades, como a dos *chukchee*, na Sibéria, bem como civilizações antigas, veem a prática homossexual de forma positiva. Em outras palavras, poderíamos afirmar que a naturalidade da homossexualidade é um fato, enquanto a homofobia é condicionada socialmente.

Sem considerar esta visão, as sociedades continuam impondo expectativas aos indivíduos, ainda que elas sejam oriundas de uma história repleta de preconceitos e segregação. Assim, aquele que nasceu homem deve ser másculo e cumprir o papel de homem, de fato, ou seja, ter uma vida sexualmente heterossexual, dito de forma mais objetiva, ser aquele que penetra a mulher. A mulher, por sua vez, deve fazer o caminho oposto, sendo penetrada sexualmente pelo homem. De acordo com Melo (2013), todas as formas de relacionamento que não se encaixaram nessa “predestinação” são marginalizadas.

O Exemplo (11), a seguir, mostra como essa marginalização dos sujeitos que não se encaixam na normalidade heterossexual pode acontecer através do não reconhecimento desses sujeitos como pessoas.

¹⁷ “Homossexualidade”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rqi-UTb9f9Y> Acessado em 06.10.2014.

Exemplo 11: Vou morrer

A bicha estava num onibus quando este começa a pegar fogo. Logo, o motorista diz:

– Mulheres e crianças saiam pela porta de tras, e homens pela porta da frente!

A bichinha desesperada começa a gritar:

– Eu vou morrer, eu vou morrer!!

Acessado em 21.09.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/morrer-2/>

O Exemplo (11) traz à tona a ideia de que só existe homem e mulher, segundo uma visão machista e heteronormativa. Esta visão exclui a identidade de pessoas que não se encaixam no padrão heterossexual, tido como normal em nossa sociedade.

A piada cita homens, mulheres e crianças, e o homossexual é visto como uma pessoa que não se encaixa nessas classificações. A pessoa que conta essa piada está, mesmo que de forma inconsciente, talvez, possibilitando a construção de sentido do discurso de ódio que marginaliza homossexuais. Quem ri da piada, está também concordando, ainda que inconscientemente, com a visão de que os homossexuais não são normais, são um desvio social. Podemos chegar a tal interpretação porque na piada o motorista diz o que as pessoas devem fazer e o homossexual, que não se reconhece em nenhuma das classificações mencionadas, vai permanecer no ônibus em chamas.

Este não reconhecimento por parte do homossexual aponta para o fato de que ele não se reconhece como normal devido ao heteronormativismo imposto na sociedade que afeta até pessoas homossexuais. Dessa forma, o próprio homossexual está se classificando como anormal devido à sua condição sexual.

4.2 Trajetória das mudanças da visão do homossexual

De acordo com os estudos de Melo (2013), as práticas homoeróticas, que se iniciaram desde a Grécia Antiga, passaram por diversas modificações até chegar ao que se vê hoje. Naquela época, tais práticas figuravam em atividades de cunho pedagógico. Os mais velhos, naquela sociedade, tinham o papel de passar seu conhecimento sobre sexualidade aos mais

jovens através da prática. Assim, toda a experiência e virtudes dos mais velhos seriam passadas ao mais jovens através da ejaculação.

Como afirma Melo (2013), as práticas sociais eram reguladas por valores morais que tinham como principais determinantes o *status* social e a idade dos sujeitos participantes. Dessa forma, a prática tinha que seguir uma norma, onde os mais velhos tinham sempre o papel de penetrar sexualmente os mais jovens, ou, ainda, aqueles que tinham *status* social elevado, fazia o papel de ativo penetrando aquele com *status* menos prestigiado. Esta era a forma de organização, para que a prática homoerótica não fosse uma prática puramente ligada ao prazer, sem outro objetivo.

Essa regulamentação, de acordo com o autor, levou a uma aproximação com os ideais judaico-cristãos, que preconizavam o sexo com o objetivo de procriação. Dessa forma, o sexo teria essa função social/cristã, deixando de lado qualquer outro objetivo com a prática sexual, o que afetaria, mais tarde, as práticas homoeróticas, uma vez que estas não possibilitam a procriação. Essa visão impôs várias limitações às práticas eróticas, como por exemplo, a condenação da masturbação, uma vez que esta desperdiçaria sêmen, o que não está de acordo com as finalidades reprodutivas das práticas sexuais.

As práticas homoeróticas passaram então a ser consideradas pecado, uma vez que não estavam de acordo com o que previam os valores judaico-cristãos, e mais tarde, com a ascensão do Cristianismo e sua influência, foram consideradas crimes, passíveis de punições, como deportação, decapitação e fogueira. Podemos observar, no Exemplo (12), a seguir, como a religião pode contribuir na disseminação de preconceito contra homossexuais.

Exemplo 12: O santo professor

Um viadão, que tanto havia dado na vida, um dia se vê diante de São Pedro, que lhe disse em tom paternal: 'Querido filho, para entrar no paraíso terá que responder uma pergunta minha, para a qual ainda não estás preparado. Volta a terra, toma uma destas pastilhas e venha a mim!'. O viado toma a droga e em alguns minutos têm uma pu*a diarreia por 10 minutos seguidos. Pálido, após a cagada o viado reencontra o santo, que lhe dá outra pílula e o manda tomar como a primeira. O efeito é imediato e terrível, faz o viado cagar ininterruptamente por 3 longas horas. No reencontro, o santo diz que o viado, embora extenuado e desidratado, ainda não está preparado e lhe dá outra pílula. Foi um horror, um efeito bestial faz dá ao viado uma megacagada de 12 horas ininterruptas, com direito a fissuras, hemorróidas etc. Agora reduzido a uma larva humana, retorna ao Santo que o aprova balançando a cabeça: 'Agora sim estás preparado para responder minha pergunta! Entendeu agora, viado de mer*da, para que serve o c*u?'

Acessado em 03.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada195bichas.htm>

Semelhante ao Exemplo 9, A cura, esta piada mostra como as pessoas estão sujeitas a regulações e atribuições sociais, que se mostram também no que diz respeito ao controle do corpo. O “viadão” morre e vai em busca do paraíso, mas precisa primeiro se preparar, ou melhor, padecer, como castigo, para ter direito ao descanso eterno no paraíso, lugar dos puros.

O fato de um santo impedir a entrada de um homossexual no paraíso, que é a representação da salvação para o cristianismo, reforça a ideia de que a homossexualidade é um pecado perante às interpretações que os sujeitos fazem da Bíblia. Se buscarmos na história, veremos que a Igreja Católica, enquanto instituição religiosa, lidava com a homossexualidade (e não somente com ela) de forma desumana, queimando pessoas vivas em fogueiras na época da Inquisição. Como herança dessa prática, ainda há interpretações religiosas que condenam pessoas e práticas homossexuais, praticando rituais *hostis*¹⁸, que agridem física e moralmente homossexuais.

Pessoas que contam piadas como o Exemplo (12), estão contribuindo para o alastramento deste tipo de ideologia, que encontra nas religiões e instituições religiosas espaço para marginalizar e oprimir pessoas. Dessa forma, mesmo que os sujeitos não concordem com tal visão sobre a homossexualidade, estará sempre em contato com ela, devido a retomada desse discurso, através do humor por parte de pessoas do seu círculo de convívio.

Conforme Melo (2013), após a Revolução Industrial e Burguesa e com a instauração de novos códigos legais, como o Código de Napoleão, na França, práticas homossexuais deixaram de ser consideradas crimes. Essa questão passou a ser tratada sob uma nova perspectiva.

Questões como homossexualidade, que apesar de descriminalizadas ainda eram marginalizadas pela cultura heteronormativa, passaram a ser tratadas por médicos. Ou seja, tornou-se uma questão de saúde, uma vez que poderia influenciar na saúde da nação como um todo. Veremos, a seguir (Exemplo 13), como essa concepção sobre homossexualidade ainda tem influência atualmente.

¹⁸ “Homossexual é agredido em ritual de ‘purificação de gays’”. Disponível em <http://www.otempo.com.br/cidades/homossexual-%C3%A9-agredido-em-ritual-de-purifica%C3%A7%C3%A3o-de-gays-1.919107>. Acessado em 06.10.2014.

Exemplo 13: A bicha arrependida

A bichinha vai ao psicólogo dizendo que quer mudar de vida.

- O que o levou a escolher esse tipo de vida? – pergunta-lhe o psicólogo.

- Não foi eu quem escolheu! Fui forçado a isso! Quando eu tinha uns 12 ou 13 anos, estava brincando no jardim lá de casa, quando o meu primo veio por trás, me agarrou e abusou de mim ali mesmo! Foi um horror!

- Mas você não poderia ter escapado? Não tentou correr?

- Tentar, eu tentei! Mas de salto alto e saia justa, cadê velocidade?

Acessado em 21.09.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/a-bicha-arrependida/>

No Exemplo (13) acima, onde um homossexual vai buscar ajuda médica para “tratar” sua homossexualidade, podemos ver, a partir da história, que os reflexos das práticas medicinais para a “regularização” de homossexuais ainda podem ser vistos hoje em dia.

A circunstância, na qual um psicólogo é procurado para fazer um homossexual se tornar heterossexual, reforça a ideia de que a homossexualidade é uma questão de saúde. Na piada, a homossexualidade é vista como um distúrbio psicológico que precisa de um tratamento. Quem partilha da ideologia presente na piada vê a homossexualidade como algo transitório e que pode ser mudado. Esta visão será compartilhada todas as vezes que a piada se presentificar, pela oralidade ou pela escrita.

O discurso homofóbico presente no Exemplo (13) “A bicha arrependida”, quando materializado na linguagem, dá margem para que mais pessoas se apropriem dele. O resultado de tal disseminação e apropriação é a opressão. Quanto mais pessoas partilharem dessa ideia, mais homossexuais serão hostilizados por pessoas que não compreendem que a homossexualidade não é uma doença ou um estilo de vida. Mais conflitos familiares são criados quando pais que partilham deste discurso tomam conhecimento da homossexualidade de filhos.

A marginalização homossexual não se manifesta apenas a nível pessoal, como mostra Melo (2013). Manifestações culturais que defendem ou afirmam a causa homossexual também foram, ao longo da história, oprimidas por uma maioria que concebe a heterossexualidade como única forma sexual adequada. No Brasil, com a publicação de

periódicos como *O Snob* (inicialmente, na década de 60, distribuído de forma clandestina – não formal), o público LGBT começava a ganhar seu espaço com visibilidade, além dos encontros e eventos mais informais, com objetivo de diversão, uma vez que a revista passou a ter em seu conteúdo temas políticos e que tratavam de discussões sobre o gênero. Poderíamos dizer que o público LGBT no Brasil estava, naquele momento, participando das discussões como as que aconteciam na Europa e Estados Unidos sobre feminismo e ativismo LGBT (MELO, 2013).

Apesar desse espaço conquistado, um lugar onde o público LGBT podia se reconhecer, as publicações foram afetadas pela Ditadura, instaurada pelo golpe de 1964, que trouxe repressão policial contra LGBT. Gays foram varridos das ruas com objetivo de limpar a cidade. Exibição de feminilidade era considerado ataque ao pudor. Poderíamos dizer que o exercício do Biopoder, proposto por Foucault (2005), pode ser observado. O governo estava exercendo seu poder sobre os corpos dos sujeitos (uma vez que perseguiram os gays pelo que eles faziam ou aparentavam fisicamente) com objetivo de preservar a saúde e segurança da nação como um todo.

Ainda sobre o Biopoder, podemos observá-lo durante esse período, quando a perseguição era ainda mais severa ao se tratar de homossexuais de pele escura e de classes sociais menos favorecidas. Como estudado por Foucault (2005), homens brancos e de classes sociais elevadas exerciam, naturalmente, influência social sobre aqueles que não estavam dentro desse padrão.

Essa hierarquia se estendeu, como consequência, às práticas homoeróticas, o que fez gays não-brancos e socialmente desprivilegiados (por qualquer outro motivo) sofrerem mais devido à perseguição instaurada pela Ditadura no Brasil. Frente a essa situação, revistas como *O Snob* e outras do gênero foram obrigadas a fechar (MELO, 2013).

Apesar de ter deixado de figurar como crime, as práticas e atividades relacionadas a pessoas LGBT e suas formas de relacionamento afetivo e erótico, como mostra a história, têm enfrentado problemas como repressão e marginalização por parte de uma sociedade heterossexualmente orientada. Herança de uma sociedade que apesar de começar a reconhecer, a partir das militâncias organizadas pela minoria, os direitos LGBT, ainda tem raízes intrínsecas de um passado onde a marginalização do que era diferente do “normal” era comum (MELO, 2013).

A contribuição de alguns meios de comunicação da imprensa, como mostrado por Melo (2013), fez a marginalização resistir com o passar dos anos. Com isso, num passado muito recente, várias políticas que visam a garantia dos direitos LGBT foram criadas. Apesar

de lentos, os avanços estão, gradualmente, sendo sentidos pela comunidade LGBT, o que não significa que a luta um dia vai acabar, uma vez que as ideologias que formam sujeitos e sociedades estão sempre em embates, em constantes atritos com o objetivo de fazer o outro ver o mundo através de uma determinada perspectiva.

4.3 Homofobia

De acordo com George Weinberg (1972, *apud* MAYA, 2008), a homofobia consiste no medo de manter contato com homossexuais. Esse medo pode, inclusive, existir inconscientemente nos próprios homossexuais. Weinberg considera como motivação psicológica de homofobia: religião, o medo de ser homossexual, a inveja reprimida, ameaça dos valores compartilhados pela maioria e o temor pela morte.

O autor considera a homofobia como um fato cultural, estabelecido através da crença de que a heterossexualidade é o ideal. Assim, qualquer forma de homossexualidade é culturalmente considerada desvio ou erro. Essa crença nos é passada desde cedo, enquanto crianças, principalmente para os meninos, que não podem ter muito contato com o universo feminino com o objetivo de preservar sua masculinidade. A partir daí, segundo Weinberg (1972, *apud* MAYA, 2008), a homofobia começa a ser implantada na cabeça dos sujeitos.

Para Maya (2008), apesar das formas mais evidentes em que a homofobia se mostra na sociedade serem a violência contra homossexuais, que pode levar até à morte, ela está presente também por trás de ações mais sutis, como a discriminação sofrida por homossexuais em ambientes educacionais ou de saúde, por exemplo.

A homofobia é, de acordo com Borrillo (2009), a atitude hostil (mas não somente isso) contra pessoas homossexuais. Segundo o autor, a homofobia nasce do princípio que a heterossexualidade tem *status* superior. Assim, há uma hierarquização da sexualidade, colocando a homossexualidade num espaço inferior, ou seja, ela não é tratada como mais uma forma sexual, mas sim, como o contrário daquilo que é ideal.

Como não está presente somente na violência física, que é a manifestação mais bárbara e, conseqüentemente, mais notada, a homofobia aparece também no humor através de piadas que ridicularizam homossexuais. Dessa forma, podemos encontrar homofobia também

no discurso escolar, no discurso religioso e em várias outras instituições onde ela tem menos notoriedade ou é, de certa forma, velada.

Vala, Brito e Lopes (1998, 1999, *apud* ALMEIDA, 2010) afirmam que o preconceito vem deixando de se mostrar em suas formas mais brutais devido a políticas que, ainda que de forma lenta, vêm começando a proteger as minorias. Contudo, isso não elimina a discriminação, que se mostra em formas mais sutis pois encontram, na sociedade, caminho para isso.

Borrillo (2009) divide a homofobia em dois tipos: a geral e a específica. A homofobia geral “não é nada mais que uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino)” (p. 21-22). Enquanto a específica produz discriminação a grupos mais específicos, como gays e lésbicas (lesbofobia).

As formas mais “simples” de manifestação da homofobia, como no caso do humor, através de piadas, cristalizam, através da interdiscursividade e do dialogismo (uma vez que esses retomam e levam adiante discursos já produzidos e assim influenciam outros), essa ideia de que a homossexualidade é anormalidade. Assim, a repulsa continuará sendo colocada na cabeça de crianças e elas crescerão acreditando nessa verdade heteronormativa. São situações “simples”, como nas piadas, que evoluem e contribuem para que situações mais violentas aconteçam, como no caso do jovem João Antônio Donati.¹⁹

Donati foi brutalmente assassinado com suspeitas de crime motivado pela sua sexualidade. Como não há lei no Brasil que garanta direitos de pessoas LGBT e criminalize a homofobia, casos como o do jovem João e outros milhares de gays, lésbicas, travestis e transgêneros são tratados como casos de homicídios comuns. O que atrapalha os avanços necessários para a proteção de direitos de pessoas LGBT no Brasil é o conservadorismo, que recebe apoio de bancadas religiosas no Congresso Nacional, que não separam políticas públicas dos seus princípios religiosos. Mas essa é uma questão para um novo estudo, que não cabe nesse momento.

Vejamos a seguir, no Exemplo (14), como enunciados mais impetuosos podem estar presentes até mesmo no gênero piada, que seria, à primeira vista, um gênero neutro, sem finalidade evidenciada de propagar algum tipo de preconceito.

¹⁹ “Jovem gay de 18 anos é assassinado com requintes de violência em Inhumas, Goiás”. Disponível em <http://igay.ig.com.br/2014-09-10/corpo-de-jovem-e-encontrado-com-bilhete-na-boca-vamos-acabar-com-essa-praga.html>. Acessado em 21.09.2014.

Exemplo 14: Policial bicha

O Delegado mandou o policial bichinha ir comprar armas. Chegando na loja, a bichinha pergunta ao vendedor:

- moço, vc tem revolver calibre 38?
- não, aqui não tem nada.
- e calibre 12?
- não, aqui não tem nada, responde novamente o vendedor.

A bichinha sai arrasada, achando que o vendedor não quis vender as armas só por causa da sua opção sexual e foi se queixar ao Delegado, que por ser amigo do vendedor foi conferir a queixa da bicha. Chegando na loja, o delegado pergunta:

- O senhor tem revolver calibre 38?
- tem sim, doutor. olhe aqui, mostrando o revolver ao delegado, que começa a acreditar na história da bicha, mas para tirar a prova pergunta novamente:
- e calibre 12?
- tem doutor, mostrando a outra arma.

O Delegado triste pelo preconceito do amigo, pergunta:

- o senhor tem alguma coisa contra bicha?
- ah! doutor, contra bicha tem metralhadora, fuzil até bazuca se o senhor quiser eu arrumo.

Acessado em 21.09.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/policial-bicha/>

A piada acima se passa em um ambiente onde, historicamente, homossexuais não tem tanta atuação quanto os heterossexuais. O policial homossexual recebe ordens para comprar armamentos. Ao chegar na loja, se depara com a discriminação por parte do vendedor. O delegado, heterossexual, não encontra problema algum ao realizar tal atividade.

O fato de o vendedor atender mal um policial devido à sua sexualidade mostra a homofobia presente na piada. O delegado é tratado como “doutor” em forma de respeito. Isso implica dizer que heterossexuais devem ser tratados de forma respeitosa, enquanto homossexuais não. Um detalhe sutil também dá pista para essa distinção de tratamento entre homossexuais e heterossexuais: na maioria das vezes que a palavra “delegado” aparece na piada, ela está escrita com letra maiúscula, o que dá a impressão de maior respeito ou importância. Podemos inferir também que o vendedor não vendeu as armas ao homossexual por considerar que ser policial ou usar armamentos é coisa para heterossexuais, devido à atribuição de papéis de gênero aos sujeitos.

O desfecho da piada é ainda mais preconceituoso que a diferenciação no tratamento entre homossexuais e heterossexuais. No final, quando questionado o que teria contra homossexuais, o vendedor mostra armas que podem ser utilizadas *contra* gays. Casos com

agressões são as formas mais violentas contra pessoas LGBT e o homicídio é a pior delas. A piada transmite a ideia de que o assassinato de homossexuais é uma coisa normal. Um detalhe para o fato de que o vendedor apresenta armamentos pesados, que são utilizados em guerras, como instrumentos contra homossexuais.

Podemos inferir que a piada incita uma guerra aos homossexuais, uma vez que há presença de armamentos bélicos a serem usados contra esta comunidade. A piada traz a impressão de enfrentamento à homossexualidade. Piadas como essas disseminam o discurso de ódio contra minorias, influenciando a realidade (em gêneros não fictícios como piadas), podendo ser visto nos discursos de vários sujeitos, como o (na época) candidato à Presidência da República pelo PRTB, Levy Fidelix, que em debate²⁰ realizado no dia 28 de setembro de 2014 pela Rede Record, mobilizou pessoas que são contra o casamento gay a enfrentarem uma minoria (homossexuais), já que são a maioria (heterossexuais).

Discursos como o de Fidelix tonificam a ideia de que homossexuais devem ser enfrentados, o que influencia, devido à sua posição de sujeito, outros sujeitos a se filiarem a essa ideologia. O resultado disso são casos em que homossexuais, bissexuais, transexuais e transgêneros (ou até mesmo heterossexuais confundidos com pessoas LGBT) são mortos gratuitamente no país.

Frente a isso, esperamos que os avanços no que diz respeito ao enfrentamento à homofobia, observados por Paul Robinson nos Estados Unidos da América²¹, não tardem a chegar no Brasil. Dentre os avanços alcançados, o historiador da Universidade de Stanford destaca a legalidade do casamento igualitário em parte significativa dos estados americanos, a aceitação de homossexuais nas forças armadas e homossexuais cada vez mais sendo pais. Robinson chama esse fenômeno de “assimilação gay”.

De acordo com os estudos de Croteau (1996, *apud* IRIGARAY, SARAIVA e CARRIERI 2010 p. 894), no Brasil, além de sofrerem discriminações em várias outras esferas sociais, como na família, escola e igreja, os homossexuais são alvo de preconceitos também no âmbito corporativo, sendo vistos como incapazes de realizar funções com competência e com menos chances de crescer profissionalmente. O Exemplo (15), a seguir, mostra como a

²⁰ "Levy Fidelix ofende gays em debate e causa revolta nas redes sociais." Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/levy-fidelix-ofende-gays-em-debate-causa-revolta-nas-redes-sociais-14076995>. Acessado em 06.10.2014.

"Comentários de Levy Fidelix sobre gays geram indignação nas redes". Disponível em <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/comentarios-de-levy-fidelix-sobre-gays-geram-indignacao-nas-redes.html>. Acessado em 06.10.2014.

²¹ "A homofobia está em apuros", diz professor da Universidade de Stanford". Disponível em <http://igay.ig.com.br/2014-09-19/a-homofobia-esta-em-apuros-diz-professor-da-universidade-de-stanford.html>. Acessado em 21.09.2014.

homofobia pode estar presente no ambiente organizacional, fazendo com que homossexuais sejam hostilizados na vida profissional.

Exemplo 15: A bicha do elevador

Primeiro dia de serviço da bicha, acessorista no elevador, nisso entra um Sujeito com um charuto aceso, e a bicha diz Toda delicada: Escute moço não é permitido fumar no elevador eu não posso subir desta forma. O sujeito respondeu: Escute aqui, não é a primeira vez que eu fumo aqui, e não vai ser essa bicha que vai me proibir. Sinto muito, não posso subir dessa forma, Com o charuto aceso. Escute aqui imbecil, se você não subir Agora, sabe onde vou enfiar esse charuto? E a bicha responde: Não adianta me agradar, regulamento é regulamento.

Acessado em 03.09.2014

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada1343bichas.htm>

A piada mostrada exemplifica o que Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010) estudam no que diz respeito à vida profissional de pessoas homossexuais. No Exemplo (15), quando o sujeito não considera o que o homossexual solicita, afirmando que “não vai ser essa bicha que vai me proibir”, há a presença da homofobia no ambiente profissional. O fato de o sujeito achar que pode passar por cima do que o homossexual fala, devido a sua condição sexual, demonstra que essa situação não retrata uma discussão qualquer, mas sim homofobia. A violência sofrida pode ser percebida também pelo uso do termo “imbecil” contra o homossexual, o que caracteriza uma violência verbal. Este é mais um exemplo de piadas sobre homossexuais que resultam em sexo, dando a impressão de que esse é o único objetivo de homossexuais, inclusive no ambiente de trabalho.

É evidente que o único ambiente onde o preconceito contra homossexuais pode se mostrar não é o ambiente organizacional. Há vários outros ambientes de convívio social em que este tipo de preconceito pode aparecer. O que leva os sujeitos a continuarem propagando este preconceito na vida adulta, na vida profissional, por exemplo, é a sua formação enquanto sujeito em ambiente que participou quando criança, como no ambiente escolar, por exemplo.

Segundo Moita Lopes (2004), mais que educação formal, a escola é lugar de formação de ideologias. Se a homossexualidade for vista na sala de aula como um desvio do que é certo, essa ideologia certamente integrará os discursos dos participantes da instituição. Dessa forma, devemos, enquanto professores, tratar o tema com naturalidade, trabalhando onde há tendência para marginalização com o objetivo de amenizá-la.

A questão, para Moita Lopes (2004), é que devemos, no contexto escolar, atentar para esse fato e não limitar as discussões à esfera heterossexualmente orientada, onde heterossexuais são a norma e não-heterossexuais o desvio. Atentando para o fato de que os

discursos têm poder de constituição social do sujeito, devemos considerar as várias formas de sexualidade e tratá-las com naturalidade, com o objetivo de fazer com que a cultura heteronormativa não marginalize o que, de acordo com essa visão, é considerado ‘diferente’.

4.4 Preconceitos no meio homossexual

Quanto à hierarquização dos papéis sexuais dos indivíduos, conforme Melo (2013), as sociedades concebem como dominante aquele que nasceu homem (biologicamente falando), branco e heterossexual. Assim, o homem branco heterossexual seria o ponto mais alto da hierarquia, enquanto homens não-brancos e mulheres de todos as etnias (além de pessoas de todos os gêneros e de orientação sexual que não heterossexualmente orientada) seriam as partes mais baixas dela. Essa exaltação do masculino ocorre não somente com relação à mulher, mas também de um homem para outro. Por exemplo, o homem é considerado homem de verdade se tiver orientação sexual heterossexual e tiver traços másculos, ou seja, agir como macho. Se não seguir esse padrão, estará numa posição inferior na hierarquia.

Com relação à prática homossexual, essa hierarquização também está presente, uma vez que o parceiro que toma a posição ativa, que penetra o ânus daquele que toma a posição passiva, está numa posição superior, de acordo com o senso comum. Isso acontece porque as sociedades enxergam uma preservação no seu lado “macho”. A partir daí, surgem os preconceitos dentro do próprio meio LGBT com relação aos gays com traços e comportamentos mais femininos. Como bem colocado por Melo, “a luta contra a opressão de pessoas LGBT está indivisivelmente ligada à luta contra o machismo” (2013, p. 109).

Conforme Guimarães (2004), em uma sociedade predominantemente machista, relações homossexuais masculinas são também lugares de poder masculino, onde o ativo preserva sua masculinidade e com isso, seu *status* sociossexual, o passivo, por outro lado, não preserva essa masculinidade, e como consequência, perde seu *status* sociossexual.

A partir dos relatos de Guimarães (*ib idem*) sobre seu período de convivência com homossexuais no Rio de Janeiro, podemos perceber que há uma busca por uma preservação da imagem social por parte de sujeitos homossexuais. Seja no campo profissional, quando buscam não parecer homossexuais, com o objetivo de serem “normais”, seja na vida social, uma vez que há discriminação dentro da própria comunidade LGBT, onde as vítimas são

homossexuais masculinos com traços femininos, os efeminados ou “bichas”. Dessa forma, podemos presumir que o mesmo acontece com homossexuais do sexo feminino, quando tem jeito ou gosto mais masculinos.

Podemos observar aqui a influência de uma cultura heterossexualmente orientada. Esta concepção chega a afetar os próprios participantes do grupo LGBT, que, muitas vezes, têm a visão de que está tudo bem ser gay ou lésbica, desde que isso não se mostre em alguns contextos. Dessa forma, podemos dizer que espera-se que o homossexual masculino tenha alguma característica do sexo biológico preservado e, conseqüentemente, quando homossexual feminino, deve-se manter também alguma coisa deste sexo biológico. Esta preservação pode se mostrar de várias formas, como a profissão, o jeito de se vestir ou de falar, para citar alguns exemplos.

Vejamos a seguir, no Exemplo (16), como há distinção no olhar que a sociedade tem sobre os sujeitos “mais gays” e “menos gays”, rótulos que lhes são atribuídos de acordo com sua identidade e expressão de gênero.

Exemplo 16: Bicha gaga

Uma bichinha gaga louca pra dar foi se engraçando pro lado do 1° macho que encontrou. Mas o cara disse que ela não ia agüentar, pois ele era superbem dotado.

Mas ela por muito insistir, ele topou, levou ela pra trás do muro e quando ele ia colocar tudo ela começou a gritar;

- Ti...ti...ti

Ele disse;

- Ta vendo nem coloquei tudo já ta pedindo pra tirar!!! E ela;

- Ti...ti...ti...TI AMOOOOOOOOO !!!

Acessado em 21.09.2014

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/bicha-gaga/>

O Exemplo (16) mostra como há preconceitos dentro do próprio meio homossexual. Este preconceito é formado a partir das posições sexuais adotadas pelos sujeitos. Podemos observar que o sujeito que toma a posição ativa para penetrar sexualmente o homossexual que toma a posição passiva não é considerado homossexual. Na piada, há sexo entre dois homens, porém apenas um é considerado homossexual. O termo “macho” exclui a possibilidade até de o sujeito ser bissexual. É como se a sociedade protegesse esse sujeito e a culpa recaísse toda

sobre o homossexual declarado, a “bichinha gaga”. Podemos observar essa “culpa” nos trechos “... foi se engraçando...” e “Mas ela por muito insistir...”. Essas atitudes da “bichinha” dão a ideia de que homossexuais desviam heterossexuais, discurso que se materializa em enunciados quando ouvimos mitos como “quem anda com homossexuais pode ‘virar’ homossexual”²². Mitos como esse levam crianças, aparentemente, heterossexuais a serem censuradas de brincar com outras crianças que são, aparentemente, homossexuais. Estas, por sua vez, sofrem devido à homofobia mesmo sem ter consciência de sua sexualidade, que pode ser homossexual ou heterossexual.

O termo “macho” dá a ideia de que há ausência de características homossexuais no sujeito. Ele é o ativo, penetra o pênis no ânus da “bichinha gaga”, logo, preservou um lado do seu sexo biológico. Está usando seu corpo, pelo menos em parte, para a finalidade para a qual seu corpo foi “feita” (leia-se: convencionalizada socialmente).

Este ponto de vista, a partir do senso comum, faz com que homossexuais que têm expressão de gênero discordante com seu sexo biológico sofram homofobia de maneira mais intensa que outros. Tal ponto de vista, que circula também entre pessoas LGBT, faz com que muitos homossexuais se assujeitem ao discurso heteronormativo machista e sacrifiquem suas identidades e expressão de gênero, tudo com o objetivo de parecer menos homossexual devido à pressão encontrada na família, na escola, na religião, no trabalho e na sociedade de uma maneira geral. Vemos aqui a influência do biopoder exercida sobre os sujeitos homossexuais.

²² “Hebe Camargo fala sobre os homossexuais no Roda Viva (1987)”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HrPgiuYyUdY&feature=youtu.be> Acessado em 06.11.2014

5. FIM DO BAILE: últimas palavras

A partir desta pesquisa, podemos conferir que o discurso, materializado na língua através de enunciados, traz à tona os já-ditos, que o formaram, o que chamamos de dialogismo, para Bakhtin. Esses discursos formadores aparecem em nosso discurso através da memória discursiva, que trabalha tanto com o objetivo de retomar, conscientemente, tais discursos já produzidos, quanto para o fazer de forma inconsciente, fato que nos confere a ilusão de sermos “donos” de nossas palavras.

Todos esses encadeamentos de discursos são sustentados por ideologias. Dessa forma, os discursos são materializações das ideologias. Como vimos, ideologia é a inversão do que é real, ou seja, é aquilo que o sujeito vê como ideal. Ideologias servem como norte para as ações dos sujeitos. Assim, um sujeito que vê o casamento igualitário como ideal, terá seus enunciados e, conseqüentemente, ações de acordo com a busca por esse ideal, por exemplo. A filiação a essa ideologia será parte fundadora do discurso.

Há vários lugares onde podemos observar discursos fazendo sentido na sociedade. Um desses lugares é o humor, e mais especificamente, o gênero discursivo piada, que, arquitetado de diferentes maneiras, cumpre seu papel de provocar o riso. Uma dessas maneiras está na organização linguística das piadas, que pode levar ao riso. Outra maneira é fazer relação com aspectos socioculturais, quando algum aspecto de determinada sociedade provoca um riso através de um desfecho inesperado, elemento presente na grande maioria das piadas. O desfecho inesperado é a porta que leva ao riso, uma vez que o óbvio não é engraçado.

Quando contamos uma piada, não estamos apenas fazendo o ouvinte de tal gênero discursivo rir. Além disso, estamos disseminando um discurso, que pode ser nosso (quando fazendo uso dele de forma consciente) ou não (quando disseminamos um discurso inconscientemente). Dentre os vários discursos que podem estar presentes nas piadas, destacamos o discurso homofóbico. Quando ouvimos/lemos uma piada sobre homossexuais, ou “piadas de bicha”, entramos em contato com o discurso homofóbico.

Isso acontece porque quando uma piada tem como vítima um homossexual, ele é ridicularizado devido às suas características físicas ou práticas sexuais. O que permite que essa ridicularização aconteça é o discurso de ódio que vem sendo perpetuado ao longo da história. É através da memória (plena ou lacunar) que esse discurso se faz presente nas piadas,

porque este é um gênero discursivo, aparentemente, neutro que possibilita a livre circulação de discursos mal vistos na sociedade.

Discursos de ódio contra homossexuais são tidos como comuns na sociedade porque homossexuais são vistos, em uma sociedade heteronormativa machista, como a inversão do que é normal ou natural. Com a discussão promovida nesta pesquisa, podemos compreender que identidades e expressões de gêneros são tão diferentes de sexo biológico quanto os papéis de gênero. Como os papéis de gêneros (que incluem carreira profissional, ocupação doméstica e comportamento) são condicionados socialmente a partir do sexo biológico, a sociedade enxerga um homem que se relaciona afetiva ou sexualmente com alguém do mesmo sexo como sendo um sujeito anormal e, por isso, passível de ridicularização.

Mesmo não tendo uma opção com relação a sua condição sexual, os homossexuais são marginalizados através das piadas. Inclusive, nos casos em que homossexuais contam piadas sobre homossexuais. Nesses casos, também há marginalização e preconceito porque os sujeitos estão trazendo à tona discursos de ódio e tratando-os como normais dentro da sociedade. Pudemos confirmar a hipótese inicial de que o discurso homofóbico contido no discurso humorístico é disseminado porque o gênero piada é aparentemente neutro, dando margem para que a homofobia circule livremente, através do humor, na sociedade.

Dessa forma, as piadas sobre homossexuais mobilizam discursos de ódio que são sustentados por ideologias, as quais os sujeitos se filiam de forma inconsciente ou não. A memória discursiva traz esses discursos à tona, que chegam até nós carregados de sentidos que foram adquiridos através da história. Quando piadas como as que foram analisadas ao longo desta pesquisa são contadas, o ódio ou a aversão à homossexualidade faz sentido e influencia os discursos dos sujeitos livremente na sociedade, fazendo esse discurso de ódio ser repassado, mais uma vez, na sociedade, havendo, assim, uma disseminação de tal ódio.

O resultado desse desdobramento é o fortalecimento da homofobia, que começa de forma “leve” através das piadas e vai se tornando mais profunda, com piadas mais agressivas, agressões verbais, passando por agressões físicas e chegando aos casos mais atroztes como homicídios. Mas, afinal, o que pode haver de tão grave numa simples piadinha de bicha?

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Saulo Santos Menezes de. Homossexualidade e identidade: um estudo do homossexual frente ao preconceito sutil. In: COSTA, Horácio [et al] (Org.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial. São Paulo, 2010. p. 1059-1068.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1974 (título original: *Appareil idéologique d'État*, 1970)
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed., Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2004. 122 p.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Org.). *Homofobia & educação: Um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. p. 15-46.
- CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Título original: *Dictionnaire d'analyse du discours*.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FERREIRA, Maria Cristina. Leandro. Linguagem, ideologia e psicanálise. *Revista de Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, v. 01, p. 69-76, 2005. Disponível em <http://www.estudosdalinguagem.org/revistas/01/ferreira%5B1%5D.pdf>. Acessado em 05.11.2014.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 1, p. 143-164, 2009. Disponível em revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/download/3015/1946. Acessado em 05.11.2014
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 16. ed. Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque [trad.]. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971 (título original: *L'Archéologie du savoir*, 1969).
- FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Vol. VIII (1905). Direção da edição brasileira de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GIL, Celia Maria Carcagnolo. Humor: Alguns Mecanismos Lingüísticos. *ALFA Revista de Lingüística*, São Paulo: Editora da Unesp, v. 39, p. 111-119, 1995.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Gramond, 2004.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; SARAIVA, Luiz Alex Silva e CARRIERI, Alexandre de Pádua. *Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional*. Rev. adm. contemp. 2010, vol.14, n.5, pp. 890-906. ISSN 1982-7849.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981, 357 p. (Coleção Linguagem 2).

KILLERMANN, Sam. Using the Genderbread Person. In: KILLERMANN, Sam. *The Social Justice Advocate's Handbook: A Guide to Gender*. Austin: Impetus Books, 2013. p. 60-67.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997. Tradução de: Freda Indursky; revisão dos originais da tradução: Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Gloria de Deus Vieira de Mora.

MAYA, Acyr Corrêa Leite. O discurso Homofóbico. In: MAYA, Acyr Corrêa Leite. *Homossexualidade: Saber e Homofobia*. Tese (Doutorado) – UFRJ/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, 2008, p. 8-33.

MELO, Iran Ferreira de. Fotografias históricas do ativismo LGBT. In: MELO, Iran Ferreira de. *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 105-167

MOITA LOPES, Luis Paulo da. *Discursos sobre gays em uma sala de aula no Rio de Janeiro: é possível queer os contextos de letramento escolar?* 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/LuizLopes.pdf>. Acessado em: 01 set. 2014

ORLANDI, Eni. P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 11. ed., Campinas, SP: Pontes, 2013. 100 p.

ORLANDI, Eni. P. *A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica*. ComCiência, v. 89, p. 2, 2007. Acessado em 16.06.2014. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1993. 68 p. Edição original 1983.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon* (UFRGS), UFRGS - Porto Alegre, v. 16, n.32/33, p. 35-48, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Dez observações sobre a questão do sujeito*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 3, n.especial, p. 27-35, 2003. Disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/244/259 Acessado em 16.06.2014

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

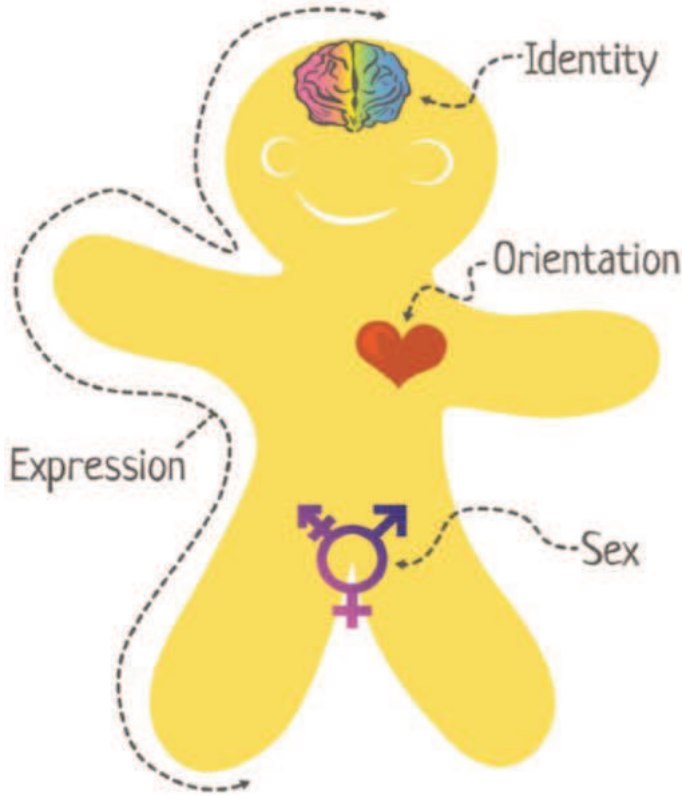
SANTOS, Joseylson Fagner dos. Meu nome é “Híbrida”: Corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, v. 9, p. 65-74, 2012.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Linguística Queer e a performatividade: linguagem em performances de gênero e sexualidade. In: SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. *A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer*. Recife: O Autor, 2012, p. 93-122.

VALE, Alfredina Rosa Oliveira do. Os teóricos do humor. In: _____. *Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Linguística (Análise do Discurso), 2010.

7. ANEXO

ANEXO A – *The genderbread person* / O biscoito sexual



Gender Identity
 Woman — Genderqueer — Man
 Gender identity is how you, in your head, think about yourself. It's the chemistry that composes you (e.g., hormonal levels) and how you interpret what that means.

Gender Expression
 Feminine — Androgynous — Masculine
 Gender expression is how you demonstrate your gender (based on traditional gender roles) through the ways you act, dress, behave, and interact.

Biological Sex
 Female — Intersex — Male
 Biological sex refers to the objectively measurable organs, hormones, and chromosomes. Female = vagina, ovaries, XX chromosomes; male = penis, testes, XY chromosomes; intersex = a combination of the two.

Sexual Orientation
 Heterosexual — Bisexual — Homosexual
 Sexual orientation is who you are physically, spiritually, and emotionally attracted to, based on their sex/gender in relation to your own.

O Biscoito Sexual

by www.ItsPronouncedMetrosexual.com



Identidade de Gênero
 Mulher — Genderqueer — Homem
 A identidade de gênero é como você, na sua cabeça, se considera. É a química que te compõe (níveis hormonais) e como você interpreta o que isso significa.

Expressão do Gênero
 Feminina — Andrógina — Masculina
 A expressão de gênero é como você demonstra seu gênero (baseada nos papéis tradicionais de cada gênero) através das formas que age, se veste, se comporta e interage.

Sexo Biológico
 Mulher — Intersex — Homem
 Sexo biológico se refere a órgãos visíveis, hormônios e cromossomos. Mulher = vagina, ovários, cromossomos XX; homem = pênis, testículos, cromossomos XY; Intersex = uma combinação dos dois.

Orientação Sexual
 Heterossexual — Bissexual — Homossexual
 Orientação sexual reflete por quem você se atrai fisicamente, espiritualmente e emocionalmente., baseado no sexo/gênero da pessoa em relação a você.

